

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**YASMIN DIOGO CARDOSO**

# CLOSE UP

o Oscar  
e as mulheres  
diretoras de cinema

um livro sobre as diretoras de cinema que fizeram história  
na premiação mais famosa do mundo

RIO DE JANEIRO

2022

YASMIN DIOGO CARDOSO

**CLOSE UP:**

um livro sobre as diretoras de cinema que fizeram história  
na premiação mais famosa do mundo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Belas Artes da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de bacharel em  
Comunicação Visual Design.

Orientadora: Lilian de Carvalho Soares

Coorientadora: Marina Siritto

RIO DE JANEIRO

2023

YASMIN DIOGO CARDOSO

**CLOSE UP:**

**um livro sobre as diretoras de cinema que fizeram história na premiação mais famosa do mundo**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Visual Design.

Aprovado em 12 de dezembro de 2023

Documento assinado digitalmente  
 LILIAN DE CARVALHO SOARES  
Data: 16/01/2024 15:32:14-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Lilian de Carvalho Soares (orientadora)  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente  
 MARINA SIRITO DE VIVES CARNEIRO  
Data: 16/01/2024 22:45:13-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Marina Siritto (co-orientadora)  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente  
 RAQUEL FERREIRA DA PONTE  
Data: 16/01/2024 19:43:02-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Raquel Ponte  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente  
 CAROLINA NOURY DA SILVA AZEVEDO  
Data: 22/01/2024 09:35:06-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Carolina Noury da Silva Azevedo  
(ESDI/Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

## CIP - Catalogação na Publicação

C268c      Cardoso, Yasmin Diogo  
              CLOSE UP: um livro sobre as diretoras de cinema  
              que fizeram história na premiação mais famosa do  
              mundo / Yasmin Diogo Cardoso. -- Rio de Janeiro,  
              2023.  
              99 f.

              Orientadora: Lillian de Carvalho Soares.  
              Coorientadora: Marina Siritto de Vives Carneiro.  
              Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
              Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
              Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,  
              2023.

              1. mulher. 2. cinema. 3. Oscar. 4. livro. 5.  
              design editorial. I. Soares, Lillian de Carvalho,  
              orient. II. Carneiro, Marina Siritto de Vives,  
              coorient. III. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

A conclusão deste projeto não seria possível sem o apoio das pessoas queridas presentes em minha vida. Por isso, dedico este trabalho a cada um dos mencionados a seguir:

A minha mãe, que sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos e a não ignorar o meu direcionamento artístico.

A minha avó, por sempre apoiar as minhas escolhas, pelas inúmeras promessas a Santa Rita de Cássia sempre que prestava vestibular pra trocar de curso e pelo amor incondicional.

Ao meu namorado, Rafael, pela enorme paciência nos momentos de tensão e por me ajudar a organizar meus pensamentos confusos em textos coerentes.

A Beatriz Lopes, minha amiga e presentinho da UFRJ, que gostou da primeira versão desse projeto e me incentivou a mudar de tema em cima da hora, que veio a ser a melhor decisão que tomei.

Aos meus gatos, Oliver e Éowyn, por me acalmarem com seus carinhos e lambeijos.

## RESUMO

DIOGO C, Yasmin. **Close Up: um livro sobre as diretoras de cinema que fizeram história na premiação mais famosa do mundo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Visual Design). Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este projeto de conclusão de curso consiste na criação de um livro intitulado Close Up, que aborda a falta de mulheres sendo indicadas à categoria de Melhor Direção nas grandes premiações, com foco direcionado ao Oscar. O objetivo do projeto é convidar pessoas interessadas em cinema a conhecerem as sete grandes cineastas que fizeram história na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, mas que, mesmo assim, não receberam o devido reconhecimento. O conteúdo do texto tem por finalidade trazer à tona essa característica da maior premiação de cinema do mundo, assim como instigar o consumo de filmes feito por mulheres diretoras de cinema.

**Palavras-chave:** mulher, cinema, Oscar, livro, design editorial

## **ABSTRACT**

DIOGO C, Yasmin. **Close Up: um livro sobre as diretoras de cinema que fizeram história na premiação mais famosa do mundo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Visual Design). Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This undergraduate final project consists of creating a book entitled Close Up, which is about the lack of women being nominated for the Best Director category at major awards ceremonies, with a focus on the Academy Awards. The objective of the project is to invite people interested in cinema to get to know the seven great female filmmakers who made history at the Academy of Motion Picture Arts and Sciences, but that, even so, didn't receive due recognition. The content of the text aims to bring to light this characteristic of the biggest cinema award in the world, as well as to instigate the consumption of films made by women film directors.

**Keywords:** woman, cinema, Academy Awards, book, editorial design

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1** - Comparação histórica de porcentagens de mulheres nos bastidores dos 250 melhores filmes.

**Gráfico 2** - Comparação histórica de porcentagens de mulheres empregadas nos bastidores dos 250 melhores filmes por cargo.

**Gráfico 3** - Comparação histórica entre mulheres e homens indicados ao Oscar nas categorias técnicas.

**Gráfico 4** - Comparação histórica da quantidade de mulheres indicadas ao Oscar por categoria.

**Gráfico 5** - Quantidade de diretoras nos tipos de filmes.

**Gráfico 6** - Comparação entre o gênero do cineasta e o gênero do personagem na tela.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - capa do livro “Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018”

**Figura 2** - capa do livro “The Female Gaze: Essential Movies Made by Women”

**Figura 3** - miolo do livro “The Female Gaze: Essential Movies Made by Women”

**Figura 4** - capa do livro “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”

**Figura 5** - miolo do livro “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”

**Figura 6** - foto do designer Saul Bass em seu escritório, nos anos 1970

**Figura 7** - exemplo de posters de filmes criados por Saul Bass

**Figura 8** - foto da designer Shanti Sparrow

**Figura 9** - MIMIM Zine: edição Glam Rock

**Figura 10** - exemplo de páginas da MIMIM Zine: edição Glam Rock

**Figura 11** - Lina Wertmüller

**Figura 12** - Jane Campion

**Figura 13** - Sofia Coppola

**Figura 14** - Kathryn Bigelow

**Figura 15** - Greta Gerwig

**Figura 16** - Chloé Zhao

**Figura 17** - Emerald Fennell

**Figura 18** - pôster do filme Pasqualino Sete Belezas (1975)

**Figura 19** - cena do filme Pasqualino Sete Belezas (1975)

**Figura 20** - cores escolhidas para Lina Wertmüller

**Figura 21** - pôster do filme Ataque dos Cães (2022)

**Figura 22** - cena do filme Ataque dos Cães (2022)

**Figura 23** - cores escolhidas para Jane Campion

**Figura 24** - pôster do filme Encontros e Desencontros (2003)

**Figura 25** - cena do filme Encontros e Desencontros (2003)

**Figura 26** - cores escolhidas para Sofia Coppola

**Figura 27** - pôster do filme Guerra ao Terror (2008)

**Figura 28** - cores escolhidas para Kathryn Bigelow

**Figura 29** - pôster do filme Barbie (2023)

**Figura 30** - cores escolhidas para Greta Gerwig

**Figura 31** - pôster do filme Nomadland (2021)

**Figura 32** - cores escolhidas para Chloé Zhao

**Figura 33** - pôster do filme Bela Vingança (2020)

**Figura 34** - cena de Bela Vingança (2020)

**Figura 35** - cores escolhidas para Emerald Fennell

**Figura 36** - ilustração da capa

**Figura 37** - ilustração Lina Wertmüller

**Figura 38** - ilustração Jane Campion

**Figura 39** - ilustração Sofia Coppola

**Figura 40** - ilustração Kathryn Bigelow

**Figura 41** - ilustração Greta Gerwig

**Figura 42** - ilustração Chloé Zhao

**Figura 43** - ilustração Emerald Fennell

**Figura 44** - a tipografia Gotham

**Figura 45** - a grid

**Figura 46** - exemplo de aplicação do conteúdo textual na grid

**Figura 47** - aplicação da abertura de capítulo na grid

**Figura 48** - espelho do livro

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1. HOLLYWOOD E AS MULHERES CINEASTAS</b>	<b>15</b>
1.1 O Oscar de Melhor Direção	15
1.2 A influência do <i>#MeToo</i> e do <i>Time's Up</i> no cenário de Hollywood	21
1.3 O apagamento feminino na direção de cinema	29
<b>2. O LIVRO COM ILUSTRAÇÃO</b>	<b>36</b>
2.1 O suporte físico	37
2.2 Análise de similares	38
<b>3. REFERÊNCIAS VISUAIS</b>	<b>47</b>
3.1 Saul Bass	47
3.2 Shanti Sparrow	50
<b>4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO</b>	<b>55</b>
4.1 Configurações Gráficas e Público-alvo	55
4.2 Naming	56
<b>4.2.1 As Cineastas</b>	<b>56</b>
4.3 As Cores	62
<b>4.3.1 As cores de cada diretora</b>	<b>63</b>
4.4 As Ilustrações	72
4.5 A Tipografia	76
4.6 A Grid	77
4.7 O Conteúdo Textual	78
<b>O PROJETO FINALIZADO</b>	<b>82</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>104</b>



*Não há nada relativo à realização de um filme  
que uma mulher não possa fazer tão facilmente  
quanto um homem, e não há razão para que  
ela não possa dominar completamente  
todos os detalhes técnicos dessa arte*

Alice Guy-Blaché

## INTRODUÇÃO

Você sabe o que significa o termo “Close Up”? Cunhado pela primeira cineasta mulher, Alice Guy-Blaché, ele representa o plano fechado da câmera em alguma pessoa ou objeto, dando enfoque a ele e seus detalhes. Guy-Blaché foi pioneira na direção, atuando na mesma época que outros grandes diretores, como Georges Méliès, podendo ser considerada uma figura muito importante na história do cinema. Entretanto, sua trajetória até hoje é ignorada e desconhecida por muitos, não sendo sequer mencionada em livros sobre o início da sétima arte. Esse apagamento feminino desde os primeiros passos do cinema foi um dos motivos que me fizeram escolher esse tema como meu projeto de graduação.

Cinéfila desde a adolescência, comecei a prestar mais atenção ao assunto quando conheci o nome Greta Gerwig. O primeiro contato que tive com ela foi através de sua atuação no filme *Lola Contra o Mundo* (2012), que pertence ao gênero *mumblecore*<sup>1</sup>, assim como todos do início de sua carreira de atriz. Completamente apaixonada por sua performance, comecei a procurar por outros trabalhos seus e descobri que ela estava prestes a fazer sua estreia como diretora, com o filme semi-autobiográfico *Lady Bird: A Hora de Voar* (2017).

Após esse fascínio por Greta, comecei a me questionar sobre quais outras diretoras mulheres eu conhecia. Já havia escutado os nomes Sofia Coppola e Agnès Varda, mas não havia dado tanta atenção a eles, nem procurado seus trabalhos. Por outro lado, eu venerava diretores como Christopher Nolan, Quentin Tarantino e Martin Scorsese, além de conhecer e admirar muitos outros. Dado esse desequilíbrio, comecei a procurar sobre outras diretoras de cinema e decidi usar as indicações do Oscar como parâmetro. Porém, para a minha surpresa, descobri que nesses quase 100 anos de premiação, somente sete mulheres foram indicadas a Melhor Direção. Dessas, apenas três conseguiram ganhar a estatueta.

Não é necessária muita pesquisa para saber o porquê dessa disparidade. Como mulher, o nome machismo é sempre bem presente em nossas vidas. Porém,

---

<sup>1</sup> Mumblecore é um sub-gênero de cinema alternativo caracterizado pela atuação naturalística, feito majoritariamente por diálogos improvisados, uma produção de baixíssimo custo e focado nas relações pessoais.

ainda assim, eu achei esse número chocante e, claramente, ele não seria um reflexo somente nas premiações de cinema. Nos dias atuais, segundo o *The Celluloid Ceiling Report* mais recente, as mulheres representavam somente 18% dos cargos de direção nos 250 filmes de maior bilheteria do mundo em 2022 (LAUZEN, 2023).

Para ajudar a melhorar essa situação, segundo Malone (2018), o método mais eficaz para se ter mais mulheres atuando como cineastas é realmente assistindo aos filmes feitos por elas. Porém, para assistir a esses filmes, é necessário que primeiro se conheça o nome de algumas diretoras. Foi com esse objetivo que criei esse projeto de livro, não somente para apresentar alguns nomes de cineastas femininas, mas também para trazer reconhecimento para essas sete mulheres, que conseguiram alcançar quase um milagre ao serem as únicas nomeadas ao Oscar de Melhor Direção.

Assim sendo, esta monografia abrange a história da relação entre as mulheres cineastas e a indústria de Hollywood e por fim propõe o aumento da visibilidade dessas diretoras por meio da criação de um livro com ilustração, em formato físico. O material foi inteiramente realizado por mim, desde a parte gráfica até seu conteúdo textual. Tudo isso com o objetivo de trazer mais reconhecimento para o trabalho dessas cineastas, para que elas, diferente de Alice Guy-Blaché, não sejam esquecidas com o passar da história.



# 1. HOLLYWOOD, O OSCAR E AS MULHERES CINEASTAS

## 1.1 O Oscar de Melhor Direção

O famoso *Academy Awards* (Prêmio da Academia), popularmente conhecido como Oscar, é uma premiação anual de mérito artístico e técnico dentro da indústria cinematográfica. As nomeações para os prêmios são decididas pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas (*The Academy of Motion Picture Arts and Sciences*) de Los Angeles, Califórnia, e são vistas como um reconhecimento internacional de excelência no mundo do cinema. Hoje, a premiação do Oscar é amplamente conhecida como o evento mais famoso e prestigiado na área do entretenimento, sendo “uma referência no tocante a cerimônias de reconhecimento de mérito” (HAURELHUK, 2008, p. 42)

Em uma cerimônia formal, transmitida pelo mundo todo, o evento reúne grandes personalidades do cinema, que no decorrer da solenidade vão sendo revelados os melhores em cada categoria, até chegar à tão esperada categoria de melhor filme do ano. (GARCIA e CARAM, 2021, p. 3)

Nos últimos anos, a Academia tem sido diversas vezes criticada pela falta de diversidade étnica e de gênero em suas nomeações para o Oscar (McKenzie, 2016). A escassa representação feminina é comumente vista nas categorias que representam as partes técnicas do cinema, que são o “por trás das câmeras”. Neste trabalho, falarei mais especificamente sobre uma delas: a de Melhor Direção.

Durante a premiação de 2020, a atriz Issa Rae resolveu expressar sua indignação ao apresentar o resultado da categoria, dizendo “*Parabéns a esses homens*” após introduzir os nomeados. Com isso, ela estava aludindo ao fato de que, mais uma vez, concorreram ao prêmio exclusivamente diretores masculinos. A Premiação da Academia já teve 95 edições até a presente data. Embora o Oscar aconteça anualmente desde 1929, até então apenas sete mulheres foram indicadas para Melhor Direção, três delas saindo vencedoras.

Foi somente em sua 49ª edição que a Academia indicou a primeira mulher ao prêmio. A conquista foi da cineasta italiana Lina Wertmüller, pelo filme “Pasqualino

Sete Belezas”. Wertmüller foi um dos principais nomes do cinema italiano, principalmente entre os anos 1960 e 1970. Atuando em uma época ainda muito limitante às mulheres, a polêmica cineasta se autoproclamava feminista e aliada às causas comunistas na Itália, posicionamentos estes que moldaram o cerne de suas produções. Ela não venceu a disputa, perdendo para John G. Avildsen, diretor de “Rocky, Um Lutador”, mas deixou seu marco na categoria. O que ninguém naquela época poderia prever é que demoraria tanto tempo para outra mulher ser indicada à Melhor Direção.

Foi somente em 1994, 17 anos após Wertmüller ser indicada ao prêmio, que Jane Campion se tornou a segunda mulher a concorrer na categoria, pelo longa “O Piano”. A cineasta neozelandesa possui grande relevância para o cenário feminino no cinema, sendo a primeira mulher a receber a Palma de Ouro do prestigiado Festival de Cinema de Cannes. Assim como Lina, Campion não ganhou a estatueta, ficando para Steven Spielberg, por “A Lista de Schindler”.

Uma década após sua indicação, foi a vez da cineasta Sofia Coppola estreitar na cerimônia. Nascida no meio artístico, ela passou por anos de comparações ao pai, o cineasta Francis Ford Coppola, até começar sua carreira como diretora e roteirista no final dos anos 90. Mesmo já sendo considerada uma das diretoras de maior prestígio em Hollywood, Sofia não conseguiu levar o prêmio por “Encontros e Desencontros”, em 2004. Ele foi conquistado por Peter Jackson, pelo filme “O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei”.

Entretanto, no dia 7 de março de 2010, finalmente uma mulher seria premiada como melhor diretora. “Bem, agora chegou a hora!”, antecipou a atriz Barbra Streisand, pouco antes de revelar o nome de Kathryn Bigelow como a vencedora do Oscar de Melhor Direção. Pela primeira vez nos 81 anos dos *Academy Awards*, uma mulher conquistaria a estatueta nesta categoria. Bigelow, que é famosa por suas produções sobre guerra, levou o prêmio pelo filme “Guerra ao Terror”, que narra a caça ao terrorismo decretada pelos Estados Unidos em resposta aos ataques do 11 de setembro.

Oito décadas de domínio masculino sobre Hollywood foram destruídas quando Kathryn Bigelow derrotou seu ex-marido James Cameron para triunfar no Oscar. Bigelow, de 58 anos, se tornou a primeira mulher na história do Oscar a ganhar o prêmio de melhor direção, em uma cerimônia que também viu seu drama de baixo orçamento sobre a guerra do Iraque,

Guerra ao Terror, vencer o sucesso de bilheteria de Cameron, Avatar, e ser eleito o melhor filme. (THE STANDARD, 2012, tradução nossa)<sup>2</sup>

Como apresentadora da categoria, Streisand foi uma figura muito simbólica. Até o ano de 2020, ela foi a única mulher a receber o prêmio de melhor direção no Globo de Ouro, a segunda maior premiação de cinema do mundo. Barbra foi premiada em 1983, pelo filme “Yentl”, que ela escreveu, produziu, dirigiu e atuou. (WEITZMAN, 2019)

Alguns anos após a vitória de Bigelow, a indústria cinematográfica passaria por dois novos acontecimentos importantes em menos de um ano. O primeiro foi em 5 de outubro de 2017, quando vieram a público as graves denúncias de assédio sexual contra o produtor Harvey Weinstein, considerado um dos magnatas da indústria. Na mesma semana, inúmeros artistas começaram a se abrir sobre o assunto e a expor os problemas que aconteciam nos bastidores do cinema e da televisão. A grande onda de denúncias resultou em dois movimentos: o *#MeToo* (eu também) e o *Time’s Up* (o tempo acabou). Ambos visavam combater os casos de violência sexual e discriminação de gênero e raça no meio artístico e serão melhor abordados no primeiro subcapítulo.

O segundo acontecimento importante veio meses mais tarde, em janeiro de 2018, quando a Academia divulgou a lista de indicados aos Oscars do ano. Através dela, Greta Gerwig foi consagrada a quinta mulher a receber uma indicação à categoria de Melhor Direção. Na época, Gerwig, que era mais conhecida por sua carreira como atriz em filmes independentes, estreava como diretora com o longa-metragem “Lady Bird”. A cineasta, entretanto, não ganhou o prêmio, que ficou com Guillermo del Toro, pelo filme “A Forma da Água”.

Mesmo com essa pequena conquista feminina, a premiação ainda foi muito criticada pela falta de diversidade de gênero nas indicações. Na cerimônia, ainda sob os efeitos de protesto do *#MeToo* e do *Time’s Up*, várias artistas optaram por usar trajes pretos, em denúncia ao assédio e à desigualdade no cinema.

---

<sup>2</sup> No original: Eight decades of male dominance over Hollywood were shattered as Kathryn Bigelow defeated her ex-husband James Cameron to triumph at the Oscars. Bigelow, 58, became the first woman in Academy Awards history to win best director at a ceremony which also saw her low-budget Iraq war drama *The Hurt Locker* beat Cameron's blockbuster *Avatar* to be named best film (THE STANDARD, 2012).

Tais indicações podem passar a ideia de que, com os recentes debates sobre igualdade de gênero em Hollywood e sobre a pouca representação feminina em premiações de grande destaque, como o Oscar e o Globo de Ouro, algo de fato mudou na indústria cinematográfica. No entanto, um olhar mais atento sobre a lista de indicados mostra como a situação ainda é preocupante. Enquanto a população dos Estados Unidos – país onde é produzida a maioria dos filmes do Oscar – é composta por 51% de mulheres, a participação feminina na premiação é de apenas 23%. Com exceção para as categorias de atuação, que sempre indicam 10 homens e 10 mulheres. (DÖING, 2018)

Nos próximos dois anos, a Academia não indicaria diretoras para a premiação. Esse poderia ser somente mais um episódio da falta de representatividade feminina na categoria, mas a ausência do nome Greta Gerwig na lista de nomeados de 2020 gerou indignação. Em 2019 houve um aumento de mulheres na direção de filmes com maior bilheteria, em geral um dos principais fatores levados em consideração para as nomeações do prêmio (VOS, 2022). Embora seu filme “Adoráveis Mulheres” tenha recebido cinco indicações ao Oscar, incluindo a de Melhor Filme, Gerwig não recebeu uma para Melhor Direção. De acordo com Vos (2022), esse fato foi especialmente peculiar porque uma nomeação para Melhor Filme quase sempre acompanha uma de Melhor Direção, visto que os diretores que fazem o melhor trabalho também costumam entregar os melhores filmes.

Adoráveis Mulheres foi um dos filmes de maior sucesso de 2019, com 95% de avaliação recente no Rotten Tomatoes e um lucro estimado de US\$ 60 milhões de bilheteria. O filme não é apenas uma adaptação do amado romance de Louisa May Alcott, mas também é estrelado por protagonistas conhecidos, como Meryl Streep, além de outros jovens talentos populares de Hollywood. O filme deveria ter sido uma isca de prêmio, com sucesso de bilheteria, elogios massivos da crítica e um elenco que enlouquece os atuais fãs de Hollywood. (VOS, 2022, tradução nossa)<sup>3</sup>

De acordo com McKee (2005), a causa dessa peculiaridade na edição teria o preconceito de gênero que ainda existe na sociedade, fazendo com que as pessoas não reconheçam mulheres intelectuais e a sua produção no mundo. No lugar disso, o público acaba se concentrando principalmente nas atividades ligadas ao sexo masculino. Seguindo o mesmo raciocínio, Vos (2022) afirma que a indústria de

---

<sup>3</sup> No original: Little Women was one of the most successful movies of 2019, with a 95% fresh rating on Rotten Tomatoes and an estimated profit of \$60 million at the box office. Not only is the movie an adaptation of the beloved novel by Louisa May Alcott, but the movie also stars well-known leads such as Meryl Streep plus other popular young Hollywood talents. The movie should have been an award-bait, what with the box office success, massive critical praise, and a cast that current Hollywood fans go crazy for (VOS, 2022).

Hollywood ainda está presa ao sistema do patriarcado, logo os processos criativos das mulheres não são tão celebrados quanto os dos homens.

O ano de 2021, ao contrário dos dois anteriores, foi histórico para as cineastas. Não somente duas mulheres foram indicadas para a categoria, algo inédito até então, como uma delas se tornou a segunda a ganhar a estatueta. As homenageadas foram Emerald Fennell e Chloé Zhao, pelos filmes “Bela Vingança” e “*Nomadland*”, respectivamente. Zhao, que atuou como diretora, produtora e roteirista, saiu como a grande vencedora da noite. Além de ter sido a primeira mulher não branca a ganhar em Melhor Direção, ela também levou para casa os prêmios de Melhor Roteiro Adaptado e de Melhor Filme.

A conquista de Bigelow no Oscar foi um de vários acontecimentos que ajudaram a movimentar a indústria e o público e a fazer com que a pauta ganhasse a urgência que passou a ter, principalmente nos últimos seis anos. Zhao certamente deu e dará novo impulso a este movimento ocupando espaços importantes na mídia e no imaginário coletivo, e levando a novas reflexões sobre a necessidade de pressão contínua. (PÉCORA, 2021, p.1)

Muito se especulou se essa eventualidade foi resultado dos movimentos *#MeToo* e *Time's Up* na indústria cinematográfica. Porém, para Pécora (2021), essa pontual mudança nas indicações não é o suficiente para dizer que as desigualdades de gênero diminuíram em Hollywood. Segundo ela, a parte mais difícil para as diretoras ainda é “derrubar as inúmeras barreiras frequentemente impostas a elas em todas as etapas da produção, distribuição e exibição de um filme” (idem, p.1).

Para a surpresa de todos, somente um ano após o sucesso de Zhao, outra mulher venceria por Melhor Direção. Novamente uma situação inédita, a neozelandesa Jane Campion se tornou a única diretora a já ter recebido duas indicações à categoria, além de virar a terceira a conquistar a estatueta. Depois de ter concorrido em 1994 com “O Piano”, Campion agora ganhava o prêmio pelo longa “O Ataque dos Cães”.

Segundo Fidalgo (2023), depois dessas premiações dos últimos dois anos, muitos começaram a crer que as “ininterruptas décadas de dominação masculina estavam chegando ao fim” (idem, p.1). Porém, neste ano de 2023, nenhuma mulher

recebeu indicação à categoria de Melhor Direção, mesmo com diversos filmes dirigidos por elas sendo aclamados pela crítica e bilheteria (FLORO, 2023).

Sempre foi sabido e notório que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood nunca foi, digamos, lá muito chegada à uma política de inclusão. Mas em pleno 2023, uma safra (e das boas!) de filmes realizados por mulheres diretoras e autoras ter sido completamente ignorada nas principais categorias do Oscar - incluindo Melhor Direção - reacendeu a boa e velha luz vermelha indicando perigo. (FIDALGO, 2023, p.1)

Considerado a principal premiação da indústria cinematográfica, o Oscar é popularmente visto como um termômetro que indica quais foram as melhores obras naquele ano. Com isso, a falta de reconhecimento da Academia com os profissionais de cinema é sempre encarado com grande significado. Nesse caso, ele representa o desrespeito generalizado que as mulheres ainda enfrentam no mercado de trabalho, tendo seus feitos e histórias ignorados (RIBEIRO, 2023). Mas por que a premiação tem tanta dificuldade em reconhecer as produções femininas?

Composta atualmente por mais de dez mil membros, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Los Angeles é responsável por indicar os nomeados e definir os ganhadores de cada categoria do Oscar. Nela, cada membro envia uma lista com suas indicações e, posteriormente, participa de uma votação. Primeiro é realizada a votação para os indicados e, depois de definidos, vota-se para os vencedores (PAIVA, 2023).

Cada ramo da Academia é responsável por selecionar os finalistas em cada categoria. Ou seja, atores votam em atores, diretores votam em diretores e assim por diante. A única exceção é para a categoria de Melhor Filme. Nela, todos podem votar (...) Com a lista de indicados definida, uma votação é aberta para todos os membros da Academia. Nessa parte do processo, por exemplo, um ator pode votar em Melhor Diretor, Melhor Figurino, Melhor Roteiro etc. (PAIVA, 2023, p.1)

Como esse seletivo grupo dita os resultados da premiação, ele deveria ser sempre bem abrangente em gênero, raça e etnia, mas isso nem sempre acontece. Com isso, além do sexismo já presente em Hollywood, essa falta de diversidade na Academia também é vista como um dos fatores para as desigualdades do evento (MARASCIULO, 2020). De acordo com Bastos (2023), a Academia está atenta às críticas de falta de representatividade tanto nas categorias do Oscar quanto na classe responsável por votar e indicar as produções. Para a cerimônia deste ano, ela

buscou incluir 40% de mulheres, 34% de representantes de minorias étnicas e raciais e 52% de territórios fora dos Estados Unidos entre os convidados a votar.

Essa relação íntima com o mercado também ajuda a explicar por que é tão importante cobrar maior representatividade nos indicados ao Oscar. À primeira vista, pode parecer bobagem em uma premiação entre tantas outras, em uma indústria já marcada pela falta de diversidade. Mas nenhum outro prêmio tem tanto impacto e prestígio quanto o da Academia. (...) Uma das explicações talvez seja o fato de ser uma premiação da indústria para a indústria, e os Estados Unidos ainda são a maior potência ocidental quando o assunto é cinema. (...) Não à toa, mais da metade do lucro com as bilheteria de um filme indicado ao Oscar vem depois da indicação. (MARASCIULO, 2020, p.1)

Porém, mais do que uma questão restrita à Academia, o problema da falta de diversidade permeia todo o mercado e a sociedade, apenas se refletindo também na indústria cinematográfica, comenta o professor Humberto Neiva, coordenador do curso de Cinema da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em entrevista à Revista Galileu (MARASCIULO, 2020).

O tema da falta de diversidade de gênero em Hollywood será melhor abordado no subcapítulo abaixo. Nele, aprofundaremos o conhecimento sobre os dois movimentos sociais que foram previamente mencionados neste capítulo: o *#MeToo* e o *Time's Up*.

## **1.2 A influência do *#MeToo* e do *Time's Up* no cenário de Hollywood**

Esse subcapítulo se propõe a dissertar sobre os movimentos sociais do *#MeToo* e do *Time's Up*, desde o seu começo até seus reflexos mais atuais. A partir disso, temos como objetivo observar se os movimentos conseguiram gerar um impacto amplo na indústria cinematográfica de Hollywood e, mais especificamente, nas premiações do Oscar desde então.

Tudo começou no dia 5 de outubro de 2017, quando o jornal *The New York Times* denunciou um dos maiores produtores de Hollywood, Harvey Weinstein, de ter assediado e abusado de dezenas de mulheres. Na mesma semana, Weinstein acabou demitido de sua própria empresa, mesmo sempre tendo negado as acusações (BBC BRASIL, 2018). Dez dias depois, a atriz Alyssa Milano fez uma

publicação no Twitter pedindo que todas as vítimas de assédio e abuso sexual respondessem a ela com a *hashtag* #MeToo. Com isso, Milano tinha o objetivo de mostrar a dimensão daquele problema no cotidiano feminino.

O que Alyssa não sabia era que o *Me Too* já existia muito antes de virar *hashtag* nas redes sociais. Criado pela norte-americana Tanara Burke em 2006, o *Me Too* é uma ONG voltada ao suporte e assistência de vítimas de violência sexual, agressão e assédio (ME TOO, 2023). Nas primeiras 24h após a publicação, pelo menos meio milhão de mulheres enviaram suas respostas a Milano. O movimento ganhou o apoio de diversas personalidades como Lady Gaga e Bjork, além de outras como Jennifer Lawrence e Reese Witherspoon, que revelaram suas experiências publicamente.

Nas semanas seguintes, outros famosos também seriam denunciados por assédio sexual, como Kevin Spacey, Brett Ratner e Bryan Singer. Após a grande repercussão dessas denúncias, um grupo de atrizes, escritoras e diretoras criou o *Time's Up*. A iniciativa busca uma solução mais efetiva para o problema do assédio e do abuso sexual, pois entende que eles são uma consequência da falta de equidade de direitos em um ambiente de trabalho (LANGONE, 2018). Ele foi lançado no dia 1º de janeiro de 2018 e contou com o apoio de mulheres como Emma Stone, Natalie Portman, Shonda Rhimes, Eva Longoria, Reese Witherspoon, Emma Watson, Jessica Chastain e Nicole Kidman, entre outras.

Quando o #MeToo eclodiu, Hollywood falava como nunca de representação feminina: a Mulher-Maravilha havia acabado de ganhar sua primeira adaptação cinematográfica, pelas mãos da diretora Patty Jenkins, e duas séries centradas em questões femininas - "Big Little Lies" e "The Handmaid's Tale" - haviam conquistado os prêmios máximos do Emmy, o Oscar da TV americana. Tudo isso em um ano que começou marcado por manifestações femininas contra o presidente Donald Trump e seu infame comentário sobre "pegar mulheres pela xoxota". Foi um timing mais do que apropriado, o que talvez explique a força que o movimento ganhou nas redes sociais e fora delas. (AMENDOLA, 2018, p.1)

Indo além dos temas assédio e abuso sexual, esses movimentos sociais também trouxeram outras discussões à tona naquele momento. Dentre os assuntos mais comentados, a diferença salarial entre gêneros e falta de oportunidade para mulheres em Hollywood foram os que mais ganharam destaque (LANGONE, 2018).

A criação do *Time's Up* coincidiu com o começo da temporada de premiações de cinema, o que acabou afetando as cerimônias. A primeira delas foi o Globo de Ouro, no dia 7 de janeiro. O evento, dentre todos os que aconteceram no ano, foi o que mais contou com protestos, a começar com a campanha “why we wear black” (porque nós vestimos preto), em que boa parte das mulheres presentes foram vestidas de roupas pretas em solidariedade às vítimas de violência sexual (PODER 360, 2018).

Outro momento que chamou a atenção foi a entrega do prêmio de Melhor Diretor de Filme. Ele foi co-apresentado pela atriz Natalie Portman, que exclamou “e esses são os homens nomeados...” ao introduzir os indicados à categoria. Através dessa fala, Portman teve como objetivo ressaltar que, mais uma vez, não haviam mulheres concorrendo na seção (CULLINANE, 2018). Porém, o maior destaque da noite foi o discurso de Oprah Winfrey, que se tornou a primeira mulher negra a receber o Prêmio Cecil B. DeMille<sup>4</sup>. A apresentadora foi ovacionada ao receber o troféu e, em seu agradecimento, destacou a trajetória das ativistas negras Recy Taylor e Rosa Parks, além de manifestar claro apoio ao *Time's Up* e ao #MeToo (KOCH, 2018).

Os próximos eventos foram o *Critics Choice Awards* (prêmio da associação de críticos de cinema) e o *SAG Awards* (prêmio do sindicato de atores). Em ambas as premiações não houveram muitos protestos, onde os artistas se limitaram a tocar no assunto durante seus discursos. Porém, a cerimônia do *Screen Actors Guild Awards* se adequou às recentes movimentações pelo empoderamento feminino. Pela primeira vez em seus 24 anos, a celebração teve uma mulher como apresentadora, a atriz Kristen Bell. Além disso, todos os prêmios da noite também foram entregues por representantes femininas (PÉCORA, 2018).

O único evento que ainda faltava em 2018 era o Oscar. A maior premiação de cinema do mundo, em apoio às manifestações femininas, teve um momento dedicado ao *Time's Up*. Nele, as atrizes Ashley Judd, Salma Hayek e Annabella Sciorra, três mulheres que acusaram Harvey Weinstein de assédio, subiram ao palco

---

<sup>4</sup> O Prêmio Cecil B. DeMille é uma distinção honorária dada anualmente pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood na cerimônia anual do Globo de Ouro. Ele é atribuído a quem contribuiu de forma significativa ao longo da sua carreira no mundo do entretenimento.

para apresentar um vídeo feito pela organização. Mais tarde, Frances McDormand, vencedora na categoria de Melhor Atriz, fez seu discurso em protesto à falta de inclusão feminina em Hollywood. Nele, a atriz mencionou a *Inclusion Rider*, algo que era pouco conhecido até então (BENTO e ZANVETTOR, 2020).

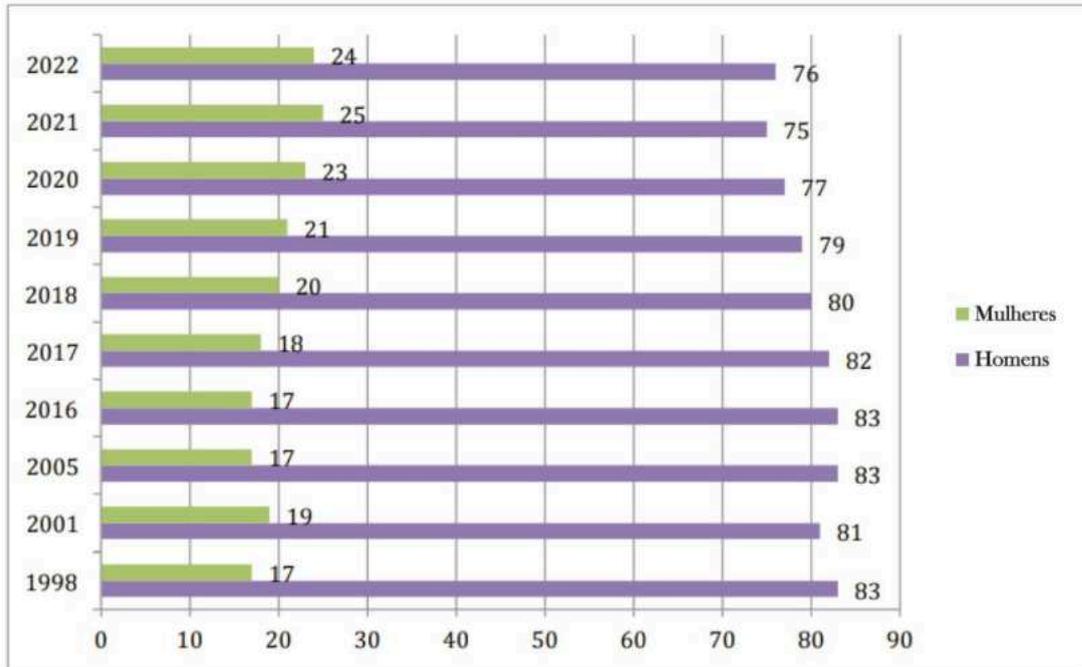
A *Inclusion Rider* é “uma cláusula a qual exige que tanto o elenco quanto a equipe técnica tenham um certo nível de diversidade” (BENTO e ZANVETTOR, 2020, p.9). Esse conceito surgiu em 2016, durante um TED Talk de Stacy Smith, fundadora da Escola de Comunicação e Jornalismo da Universidade do Sul da Califórnia (USC). Em sua formulação, ela examinou dados sobre a diversidade nas produções americanas e chegou à conclusão de que elas não refletiam a demografia existente (SMITH, 2016).

Como pudemos notar, após inúmeras manifestações, as premiações de cinema começaram a trazer mais visibilidade para as mulheres no ano de 2018. Visto isso, para melhor visualizarmos o impacto dos movimentos *#MeToo* e *Time's Up* em Hollywood, no longo prazo, partiremos para uma etapa de análise de dados.

Enquanto não enxergamos a dimensão histórica de um ser, de um objeto, de um fenômeno, de um acontecimento, não podemos aprofundar de fato, a compreensão que temos deles. É o movimento histórico que passa por todas as coisas e permanentemente as modifica que as torna concretas. (Konder 2002:187 apud BORUCHOVITCH, 2003, p. 19)

Segundo o *The Celluloid Ceiling Report* mais recente, em 2022 as mulheres representavam 24% dos cargos técnicos no cinema (entre diretores, roteiristas, produtores executivos, produtores, editores e diretores de fotografia) nos 250 filmes de maior bilheteria (LAUZEN, 2023). Isto mostra um aumento de 2 pontos percentuais entre os anos de 2017 e 2018, refletindo um antes e depois imediato dos movimentos de empoderamento feminino. Já analisando de 2017 a 2022, podemos notar que houve um crescimento em quase todos os anos, com exceção de 2022, que teve queda de 1% em relação a 2021 (Gráfico 1).

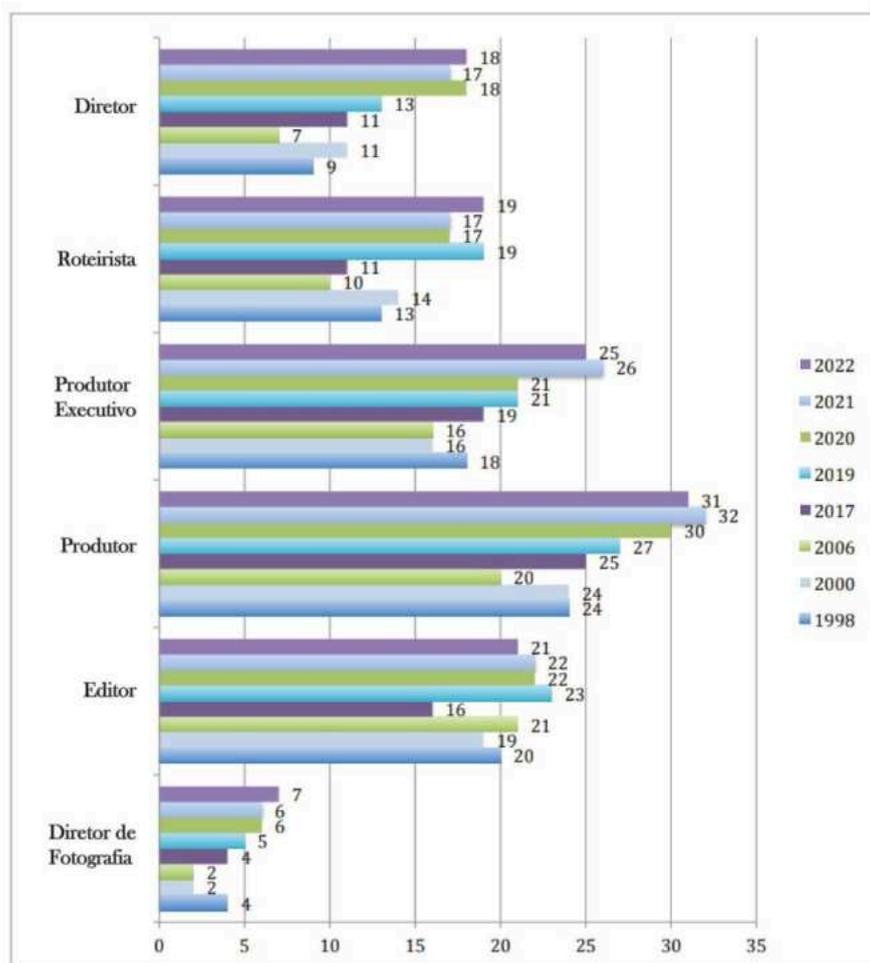
Gráfico 1 - Comparação histórica de porcentagens de mulheres nos bastidores dos 250 melhores filmes



Fonte: LAUZEN (2023)

O relatório também analisou a porcentagem de mulheres em cada um dos seis cargos técnicos do cinema. Como resultado, elas ocuparam 31% dos cargos em produção, 25% em produção executiva, 21% em edição, 19% em roteiro, 18% em direção e 7% em direção de fotografia, em 2022 (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Comparação histórica de porcentagens de mulheres empregadas nos bastidores dos 250 melhores filmes por cargo



Fonte: LAUZEN (2023)

Ao observarmos o gráfico desde o ano de 2017, vemos que o número de mulheres aumentou em todos os cargos pesquisados. Esse crescimento foi de 7% para diretores, 8% para roteiristas, 6% para produtores executivos e produtores, 5% para editores e 3% para diretores de fotografia (LAUZEN, 2023).

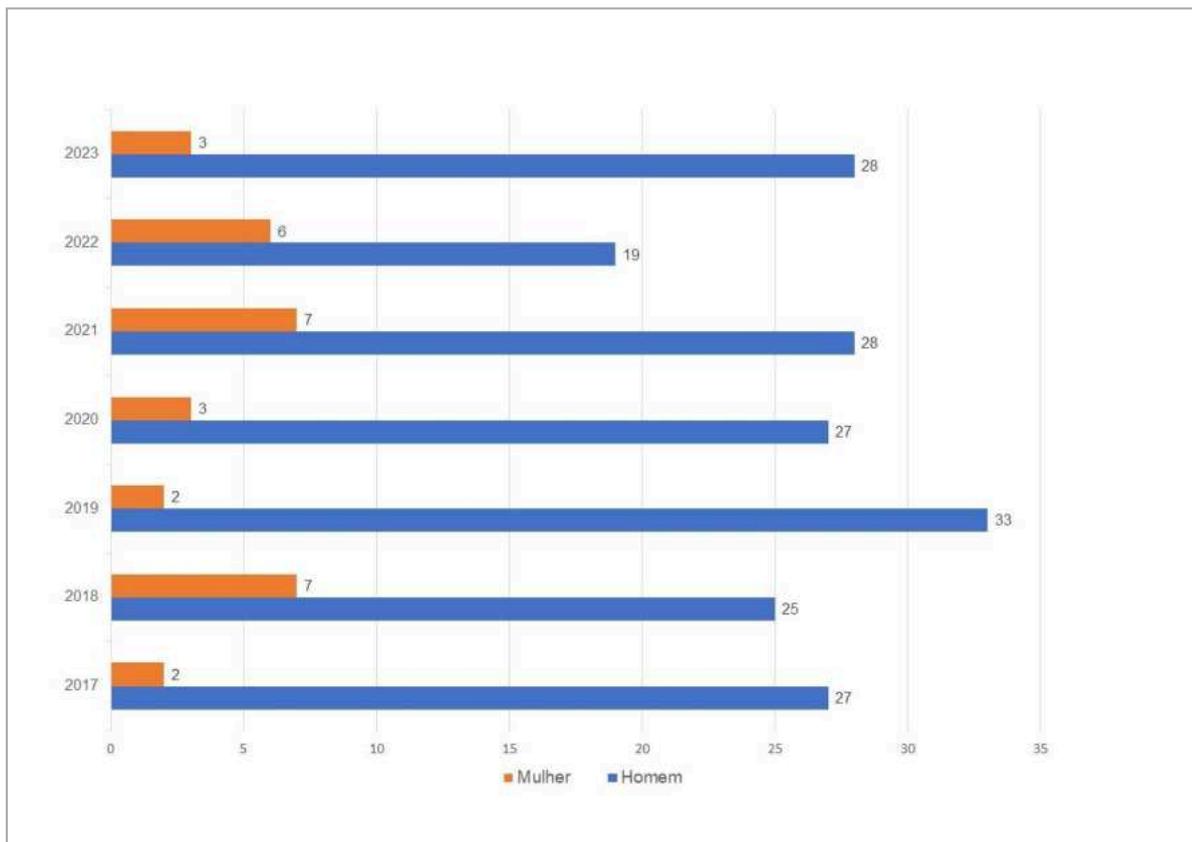
O relatório *Celluloid Ceiling* é realizado há 25 anos pelo *The Center for the Study of Women in Television and Film*, da Universidade Estadual de San Diego, EUA. O Centro abriga os mais antigos e abrangentes estudos sobre mulheres no cinema e na televisão, além de fornecer dados que geram discussões sobre a representação desse gênero na indústria cinematográfica (CENTER FOR THE STUDY OF WOMEN IN TELEVISION AND FILM, 2018).

Agora, partiremos para um recorte mais específico, com o objetivo de analisar se os movimentos *#MeToo* e *Time's Up* impactaram nas nomeações dos *Academy*

*Awards* até então. Para isso, estudaremos o banco de dados de prêmios do Oscar, com foco em sete categorias técnicas: Melhor Direção, Melhor Roteiro Original, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Edição e Melhor Fotografia.

Ao comparar a quantidade de homens e mulheres indicados, vemos que a representação feminina nas partes técnicas de cinema não teve uma mudança significativa entre 2017 e 2023. Observando as categorias selecionadas durante esses 7 anos, é possível perceber que, dentre os 217 nomeados, somente 30 eram do sexo feminino, o que representa cerca de 13,8% do total. Entretanto, o súbito aumento de 2 para 7 mulheres entre 2017 e 2018 vai de acordo com as manifestações sociais da época e com os ajustes de programação que as cerimônias realizaram. De modo geral, a variação quantitativa de mulheres nesse período teve máxima de 5 pontos e mínima de 0 (ACADEMY, 2023).

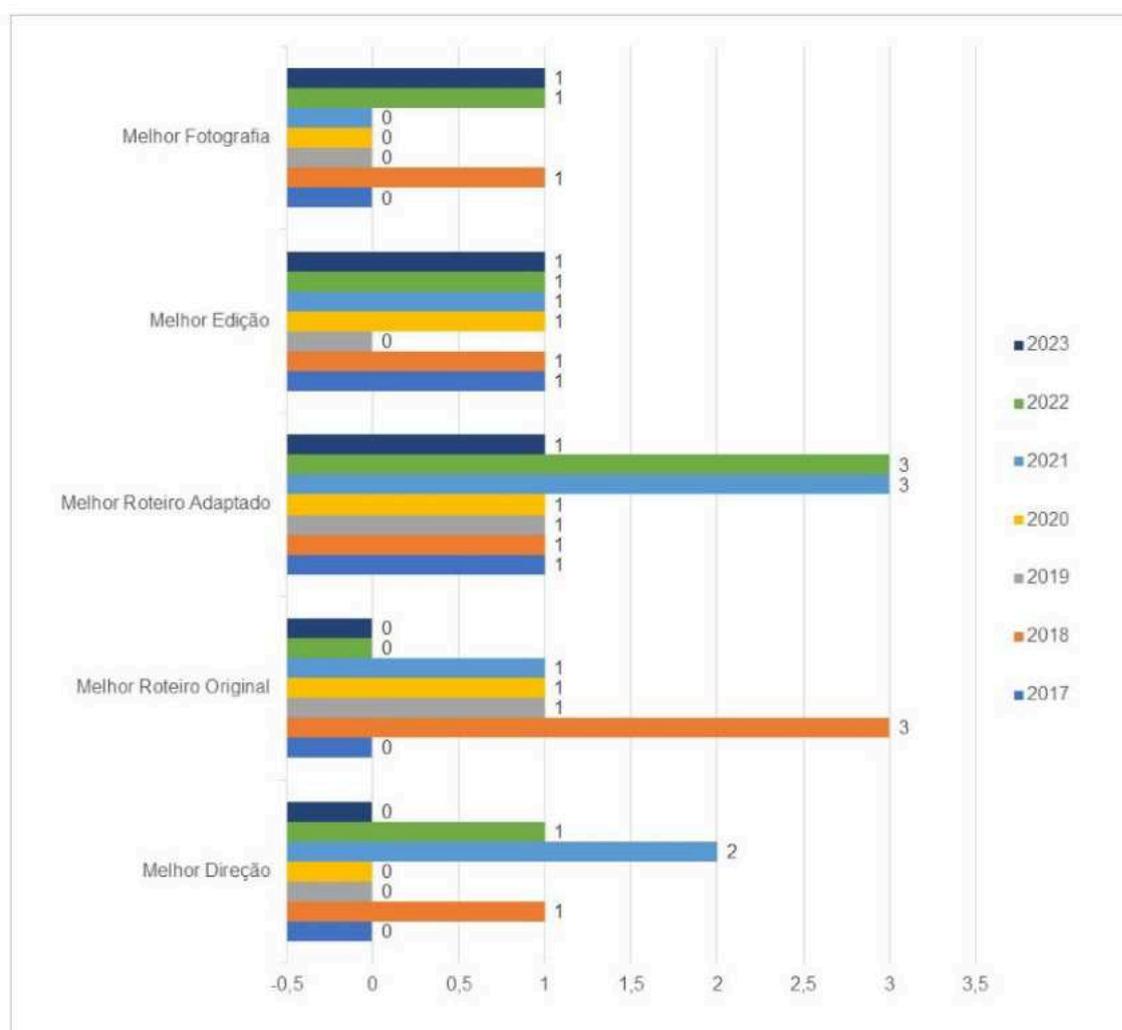
Gráfico 3 - Comparação histórica entre mulheres e homens indicados ao Oscar nas categorias técnicas



Fonte: organizado pela autora com base em <http://oscarr.org/oscars/cerimonies>

A análise também contemplou o número de mulheres que foram indicadas por cada um dos cinco cargos técnicos analisados. Nela, é possível perceber que só no ano de 2018 houveram indicações femininas para todas as categorias. No total, elas receberam 11 nomeações por Melhor Roteiro Adaptado, 6 por Melhor Edição e Melhor Roteiro Original, 4 por Melhor Direção e 3 por Melhor Fotografia, entre 2017 e 2023 (Gráfico 3).

Gráfico 4 - Comparação histórica da quantidade de mulheres indicadas ao Oscar por categoria



Fonte: organizado pela autora com base em <http://oscarr.org/oscars/cerimonies>

Dessa forma, é possível notar que, coincidentemente, o ano de 2018 foi importante tanto para o cenário geral de Hollywood quanto para a premiação do

Oscar. Neste ano, em meio às recentes movimentações sociais do #MeToo e do Time's Up, foi observada uma alta na participação feminina em ambas as pesquisas. Contudo, contrastando com os resultados do *The Celluloid Ceiling Report*, o Oscar não manteve uma crescente nas indicações de mulheres às categorias técnicas de cinema, contando com diversas quedas em quantidade entre 2017 e 2023. Com isso, conclui-se que mesmo as mulheres tendo constantemente aumentado sua contribuição aos filmes de maior bilheteria nos EUA, elas não tiveram seu trabalho devidamente reconhecido pela Premiação da Academia.

O fato é que as mulheres estão seriamente sub representadas em quase todos os setores do globo, não apenas na tela, mas na maioria das vezes simplesmente não estamos cientes da extensão, e as imagens da mídia exercem uma poderosa influência na criação e perpetuação de nossos preconceitos inconscientes. No entanto, as imagens da mídia também podem ter um impacto muito positivo em nossas percepções. No tempo que leva para fazer um filme, podemos mudar a aparência do futuro [...] colocando multidões de mulheres em ciência, política, direito e outras profissões nas personagens de filmes. (INSTITUTE, 2015, p.1)<sup>5</sup>

### **1.3 O apagamento feminino na direção de cinema**

Após analisarmos o recorte da falta de representação feminina na premiação do Oscar e no panorama geral de Hollywood, neste subcapítulo iremos estudar o apagamento histórico das mulheres diretoras, que ocorre desde o início do cinema. Conforme comenta Marasciulo (2020), os acontecimentos na indústria cinematográfica são somente um reflexo dos problemas que acometem a sociedade e o mercado de trabalho, sendo o sexismo um deles.

Quando começamos a estudar sobre a história do cinema, aprendemos que Thomas Edison e os irmãos Lumière foram os primeiros a registrar imagens em movimento e que George Méliès foi pioneiro na arte de fazer filmes. Porém, a francesa Alice Guy-Blaché já comandava um set durante o mesmo período, inclusive realizando filmagens sobre temas inovadores, como feminismo (BENTO e ZANVETTOR, 2020). Em suas gravações, Alice utilizava elencos inter-raciais, efeitos

---

<sup>5</sup> Tradução livre de: The fact is – women are seriously under-represented across nearly all sectors of society around the globe, not just on-screen, but for the most part we're simply not aware of the extent. And media images exert a powerful influence in creating and perpetuating our unconscious biases. However, media images can also have a very positive impact on our perceptions. In the time it takes to make a movie, we can change what the future looks like [...] by casting droves of women in STEM, politics, law and other professions today in movies. (INSTITUTE, 2015, p.1)

especiais, cores e sons sincronizados com as imagens. Porém, mesmo tendo feito mais de mil obras cinematográficas, ela não é comumente citada em livros importantes sobre a sétima arte (ZASSO, 2018).

Alice Guy foi indiscutivelmente uma das mais importantes figuras da história do cinema. Ela não foi somente a primeira mulher cineasta, mas ela foi uma dos primeiros diretores de filmes no mundo, seja homem ou mulher. E ainda poucos na indústria sabem o nome dela. Sua história é raramente ensinada em aulas de cinema ou mencionada nos livros. E por muitas décadas seu trabalho foi perdido ou incorretamente atribuído a colegas do sexo masculino. (MALONE, 2018, p.13)<sup>6</sup>

Segundo Weitzman (2019), Alice Guy-Blaché não foi apenas a primeira cineasta mulher do mundo, como também ajudou no nascimento do cinema em si. Sua estreia foi em 1896, quando lançou a obra de não-ficção *La Fée aux choux*, com apenas um minuto de duração. Ela fez filmes de diversos gêneros, em que chegou a trabalhar como atriz, roteirista, diretora, produtora, diretora de fotografia e cenógrafa. Em 1910, Guy-Blaché ainda fundou uma das primeiras produtoras dos Estados Unidos, a Solax Studios. (WEITZMAN, 2019). Ela foi pioneira a dirigir uma produção cinematográfica com som sincronizado, utilizando o cronofone<sup>7</sup> décadas antes da revolução do cinema mudo para o falado. Hoje, porém, apenas 130 dos seus mais de mil filmes ainda existem (MALONE, 2018).

Criadora da linguagem cinematográfica que dá nome a este projeto, Alice utilizava do recurso do *close up* para garantir um efeito dramático em suas cenas. Usado pela primeira vez no filme *Madame a des envies* (A madame tem seus desejos) de 1906, a técnica foi por muito tempo creditada a D. W. Griffith, porém o diretor só lançou seu primeiro filme em 1908 (MALONE, 2018).

Outro exemplo de apagamento feminino é visto no documentário “E a mulher criou Hollywood”, das francesas Clara e Julia Kuperberg. Nele, vemos que até o ano de 1925 metade dos filmes eram dirigidos por mulheres e que elas também se mostravam presentes nas outras partes técnicas das produções. Entretanto, até

---

<sup>6</sup> Tradução livre de: “Alice Guy was arguably one of the most important figures in the history of cinema. Not only was she the very first female filmmaker, but she was one of the first film directors in the world, whether male or female. And yet few in the industry know her name. Her story is rarely taught in film classes or mentioned in books. And for many decades her work was lost, or incorrectly attributed to male colleagues.” (MALONE, 2018, p.13)

<sup>7</sup> Aparelho criado em 1902 por Léon Gaumont, ele foi o primeiro resultado dos estudos do inventor para conseguir o cinema sonoro.

então o cinema ainda não era visto como uma indústria (BENTO e ZANVETTOR, 2020).

Assim como apresentado no documentário, Miranda (2016) afirma que naquela época os homens procuravam profissões mais formais, como na contabilidade, no direito, na engenharia e na medicina, nunca no cinema. Numa época em que discriminação de gênero ainda era muito alta, a ausência do interesse masculino permitiu que as mulheres tivessem, temporariamente, seu espaço nas produções.

Porém, tudo mudou em 1927, com a estreia de “O cantor de jazz”. Ele foi o primeiro filme falado da história e fez com que os Estados Unidos percebessem que Hollywood tinha um potencial extremamente lucrativo. A situação das mulheres veio a piorar com a Grande Depressão, em 1929. Muitos dos homens haviam perdido seus empregos e se viram abertos a tentar novas áreas, agora olhando para o cinema como uma alternativa (MIRANDA, 2016). Sendo assim, a população feminina voltou a ser deixada de lado, não sendo considerada para ocupar os cargos de maior relevância no meio cinematográfico (BENTO e ZANVETTOR, 2020).

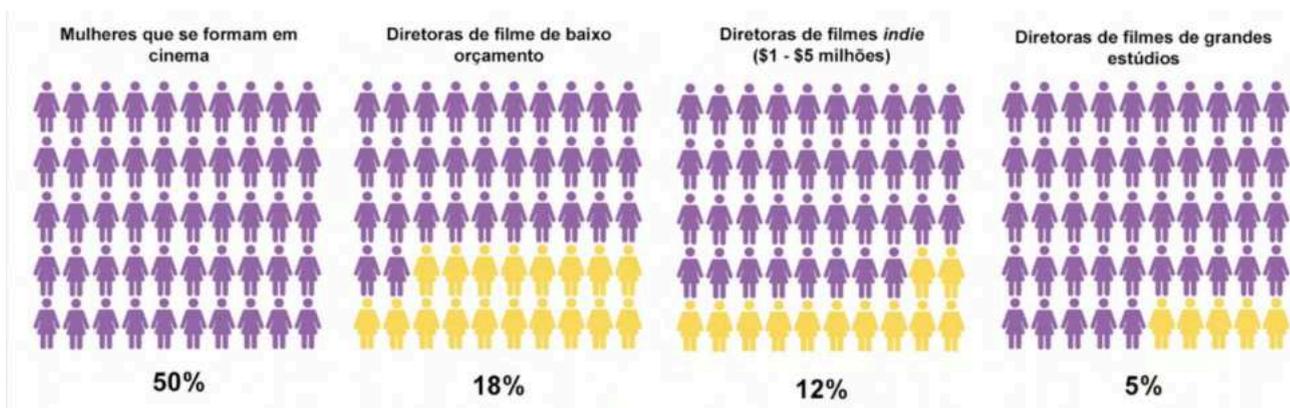
A História ocidental possui uma marca bastante característica, que pode ser resumida, grosso modo, na seguinte afirmação: quem conta a história é o homem (entendido aqui como ser humano do sexo masculino). O mesmo fenômeno pode ser visto no campo das artes. A participação feminina na produção cinematográfica, nas artes plásticas, na literatura e no teatro, apesar de intensificada neste século, é ainda muito precária. (BOTTON, 2007, p. 74)

Quanto aos tempos atuais, o preconceito de gênero ainda é um problema que se faz presente no cinema. Como mostrado no capítulo anterior, de acordo com o *The Celluloid Ceiling Report*, as mulheres representavam somente 24% dos cargos técnicos no cinema (entre diretores, roteiristas, produtores executivos, produtores, editores e diretores de fotografia) nos 250 filmes de maior bilheteria. O estudo mostra que os homens ainda predominam na indústria de Hollywood, com 76% de presença. Quando analisadas as posições técnicas mais relevantes, temos somente 18% de mulheres na direção, 19% como roteiristas e 31% como produtoras (LAUZEN, 2023).

Além desses dados, a Dra Martha M. Lauzen (2023) também observou que, em 2022, 67% dos filmes empregavam de 0 a 4 mulheres nos cargos técnicos, 24%

empregavam de 5 a 9 e 9% empregavam 10 ou mais. Em contrapartida, 5% das produções empregavam de 0 a 4 homens, 18% empregavam de 5 a 9, e a maioria restante (77%) empregava 10 ou mais. McDougall-Jones (2016) mostra em seu TEDx dados que expressam que a quantidade de mulheres que se formam em cinema é a mesma que a de homens. Porém, quando falamos em filmes dirigidos por elas, até mesmo as produções de baixíssimo orçamento contam com somente 18% de diretoras femininas. Já nos filmes independentes, de orçamento entre US\$1 e US\$5 milhões, elas ocupam apenas 12% dos cargos de direção. Por fim, são nos grandes estúdios que elas encontram sua menor representatividade, contando meramente com 5% dos filmes com direção feminina.

Gráfico 5 - Quantidade de diretoras nos tipos de filmes



Fonte: MCDUGALL-JONES (2016)

Outro dado importante, segundo pesquisas do *Geena Davis Institute on Gender in Media*, fundado pela atriz Geena Davis em 2004, os filmes com pelo menos uma diretora ou escritora trabalhando nos bastidores possuem uma porcentagem maior de personagens mulheres (INSTITUTE, 2015). Conforme apresentado no Gráfico 5, o percentual de mulheres na tela sobe 6,8% com a adição de uma diretora e 7,5% com a de roteiristas.

Gráfico 6 - Comparação entre o gênero do cineasta e o gênero do personagem na tela



Fonte: INSTITUTE GEENA DAVIS (2015)

Por meio de um relatório de dados Lauzen (2023) concluiu que os filmes que tiveram pelo menos uma diretora mulher empregaram substancialmente mais mulheres em outros papéis de bastidores do que os filmes com diretores exclusivamente homens. Em filmes com pelo menos uma diretora feminina, as mulheres representavam 53% dos roteiristas, 39% dos editores, 19% dos diretores de fotografia e 18% dos compositores. Nos filmes com diretores homens, as mulheres representavam 12% dos escritores, 19% dos editores, 4% dos diretores de fotografia e 6% dos compositores. Como a própria pesquisadora afirma no relatório, “essas diferenças não são triviais” (LAUZEN, 2023)<sup>8</sup>

Dessa forma, conclui-se que o emprego de mais mulheres em cargos técnicos chefes, como o de direção, ajuda a diminuir o sexismo nas produções cinematográficas. Ao assumir tais posições, elas empregam não somente mais atrizes como também mais pessoas do gênero feminino para trabalhar nos bastidores. Isso acontece porque “as mulheres são mais propensas a contar

<sup>8</sup> Tradução livre del: These differences are non-trivial (LAUZEN, 2023).

histórias com personagens e experiências femininas” (INSTITUTE, 2015)<sup>9</sup>, abordando temas que lhes são familiares.

Desse modo, o aumento do número de cineastas em ativa traria um impacto gigantesco para a indústria cinematográfica. Ao dar voz e visibilidade a essas mulheres, poderíamos até mesmo, a longo prazo, equilibrar as disparidades percentuais apresentadas nos estudos acima. Com isso, diferente de Alice Guy-Blaché, no futuro seus nomes finalmente seriam reconhecidos quando contamos a história do cinema.

Finalizada a parte teórica sobre o tema desta monografia, agora começaremos a analisar tudo o que tange o projeto de design gráfico que esse trabalho se propõe a fazer. Exatamente com o objetivo de trazer reconhecimento a essas diretoras de cinema, será criado um livro físico com ilustração, assunto que será melhor desenvolvido no capítulo seguinte.

---

<sup>9</sup> Tradução livre de: “(...) females are more likely to tell stories featuring female characters and experiences.” (INSTITUTE, 2015)



## 2. O LIVRO COM ILUSTRAÇÃO

Após analisarmos o tema deste trabalho nos capítulos anteriores, partiremos agora pro estudo do suporte do projeto gráfico, que será um livro com ilustração, no formato físico. Mas por que essa escolha?

Esse tipo de livro foi escolhido pois, mesmo sendo meramente decorativa, a ilustração cumpre a função de deixar o conteúdo mais interessante ao leitor. De acordo com Lemos (2017), desde a infância, as imagens servem como um maior estímulo à leitura, pois “o leitor pode ler no seu tempo, pausadamente, refletindo sobre cada signo e elemento que compõe as ilustrações” (idem, p. 31). Seguindo o mesmo raciocínio, Oliveira (2008) comenta que as imagens nos livros geram uma memória visual que, além de criar uma leitura harmoniosa, atinge também o lúdico de quem o lê.

Desde já é importante frisar que o conceito de livro ilustrado não possui uma definição muito precisa. Além de existirem diferentes tipos, estes são reconhecidos por nomes variados, conforme seu país e idioma (CRUZ, 2016). Segundo Linden (2011), na França utiliza-se o termo “album” ou “*livre d’images*”, enquanto em Portugal se diz “álbum ilustrado”. Já na língua inglesa, fala-se “picture book” ou “picturebook”, por exemplo. No Brasil, porém, essa nomenclatura ainda não é muito clara, não sabendo reconhecer os diferentes tipos de livros ilustrados (SILVA, 2018). Desse modo, para melhor compreensão desse tópico, tomaremos como base as categorias definidas por Linden em sua obra “Para ler um livro ilustrado”.

Segundo a autora, existem diversos tipos de livros que contém ilustrações, que podem pertencer aos seguintes grupos: livro ilustrado, livro com ilustração, livro-imagem, livro pop-up, história em quadrinhos, livro interativo, livro brinquedo e livro imaginativo. Para este projeto, vamos nos ater apenas a duas dessas divisões, que são mais facilmente confundidas:

- a) Livro com ilustração: livro com predominância textual, onde a ilustração é um complemento ao material. Nele, o leitor acessa a história através do texto, que existe de forma independente do conteúdo visual.

- b) Livro ilustrado: obras que contêm predominantemente imagens, embora a narrativa visual articule sempre com a textual, sendo ambas igualmente importantes para transmitir uma mensagem.

De acordo com essa definição, esse projeto se encaixa na categoria de livro com ilustração. Nele, a imagem não influenciará na narrativa, tendo função somente decorativa frente aos textos apresentados. Por se tratar de um conteúdo informativo sobre fatos e histórias reais, o foco do livro será direcionado ao seu material escrito, para se obter mais clareza na transmissão da mensagem (GONÇALVES, 2019).

Se palavras e imagens preencherem suas respectivas lacunas, nada restará para a imaginação do leitor e este permanecerá um tanto passivo. O mesmo é verdade se as lacunas forem idênticas nas palavras e imagens (ou se não houver nenhuma lacuna). No primeiro caso, estamos diante da categoria que chamamos “complementar”; no segundo, da “simétrica”. Entretanto, tão logo palavras e imagens forneçam informações alternativas ou de algum modo se contradigam, temos uma diversidade de leituras e interpretações. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, pgs. 32-33)

Segundo Gonçalves (2019), o texto e a imagem possuem funções e características próprias e diferentes, mas, ao serem usados em conjunto numa publicação, eles acabam por se complementar. Seguindo o mesmo pensamento, Hall (2011) comenta que, quando unidos, eles têm o poder de evidenciar os seus pontos fortes e de aperfeiçoar os seus pontos fracos, funcionando bem um com o outro.

## **2.1 O suporte físico**

Como mencionado no início deste capítulo, além desse trabalho se tratar de um livro com ilustração, ele também será realizado de modo físico. Tal escolha foi feita pois, como leitora, sempre preferi o formato físico por perceber maior facilidade de concentração no conteúdo.

De acordo com Pender (2015), o material impresso oferece uma experiência diferenciada e sensorial, atingindo do olfato ao tato e criando uma atmosfera que vai além do seu conteúdo. Além disso, o suporte físico parece fixar mais a atenção do

leitor do que o digital, pois sua tridimensionalidade ajuda a diminuir a distância entre observador e obra (BROWN, 2015).

A tecnologia facilitou tanto a geração e o consumo de imagens que o público tem dificuldade em selecionar o que interessa para ele, a sobrecarga é cada vez maior e não existe qualquer controle sobre a qualidade do que é produzido, por isso é difícil se destacar apenas com uma publicação on-line. A procura pelo impresso reflete essa superexposição: o público procura algo mais selecionado, que possa ser apreciado com mais calma, sem tantas distrações. O impresso atualmente é a melhor maneira de se fazer notar, mesmo que seja em menor escala, servindo de cartão de visita e exposição ao mesmo tempo. (BARRIOS, 2015, p.1)

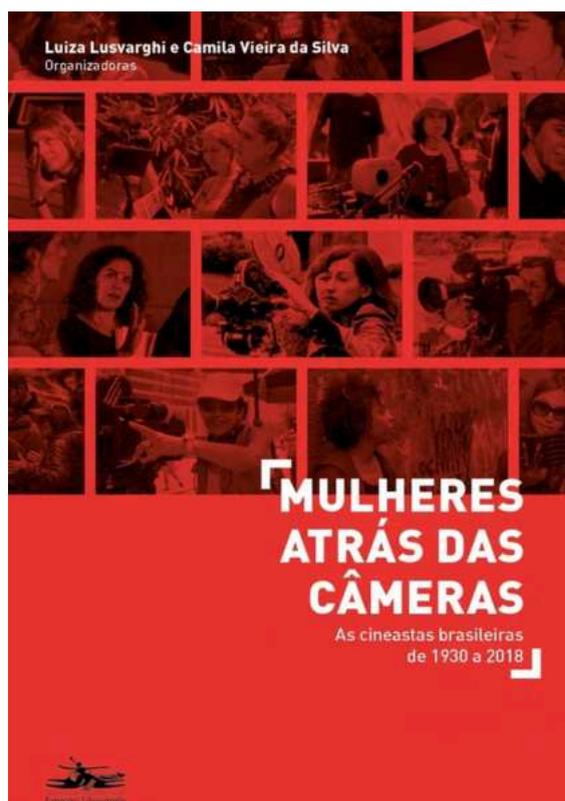
Hoje, o conteúdo interno dos materiais impressos deixou de ser visto como o suficiente para se criar uma relação sujeito-objeto, já que muitas vezes ele também se encontra virtualmente. Em meio à era digital, começou a surgir a necessidade de resgatar sensações com o material, algo que podemos sentir e tocar. Para Zugliani e Moura (2019), o design editorial contemporâneo “envolve a curadoria de narrativas, o compartilhamento de pontos de vista e interesses, não está mais vinculado apenas à mancha gráfica” (idem, p.8). Os artistas e designers nascidos a partir de meados dos anos 90 cresceram na era digital e estão acostumados com o mundo virtual. No entanto, eles possuem o anseio por experiências físicas reais, se colocando sempre à procura de novos métodos, impensados e inovadores. Para eles, o analógico e o impresso, algo físico e tangível, seriam esse “novo”, servindo como meio para um novo universo de experimentações (ZEEGEN, 2015).

## **2.2 Análise de similares**

Durante a minha busca por outras publicações que abordassem o assunto do papel da mulher nos bastidores do cinema, me deparei com a surpresa de que esse tópico não era tão comentado assim, principalmente no cenário nacional. Entretanto, algumas obras me chamaram a atenção e se sobressaíram na pesquisa, não somente pelo modo como o tema era abordado, como também por serem livros que se utilizavam de imagens em suas narrativas.

A primeira foi o livro “Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018”, lançado em 2019 em parceria com a Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine). Organizado pela comunicóloga Camila Vieira e pela pesquisadora de cinema Luiza Lusvarghi, ele nasceu com a proposta de mostrar a importância histórica que algumas diretoras brasileiras tiveram na construção do cinema nacional. O volume, que foi publicado pela editora Estação Liberdade, é composto por 27 artigos, todos escritos por autoras femininas, e utilizam de fotografias como meio de ilustração. Seu conteúdo é dividido em três partes: recortes temáticos, figuras de destaque e um “dicionário” de diretoras brasileiras (CAÚ, 2020).

Figura 1: capa do livro “Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018”



Em sua primeira parte, composta por oito artigos, o livro tem a proposta de mostrar a pluralidade temática que o cinema feito por mulheres pode alcançar. Nela são mostrados trabalhos de diretoras pioneiras e de outras que se aventuraram por diversos gêneros cinematográficos, da comédia ao horror (CAÚ, 2020).

Já a segunda parte traz 19 artigos focados na carreira de diretoras com pelo menos três longa-metragens concluídos, independente do gênero. Nessa parte é mostrado um amplo panorama do cinema nacional, indo de nomes mais comerciais como Anna Muylaert aos mais políticos, como Maria Augusta Ramos. Cada cineasta tem sua trajetória pessoal e profissional delineada, com o objetivo de exaltar o valor de suas obras para o cenário geral da filmografia brasileira.

Por fim, a terceira e última parte da obra foi apelidada de “pequeno dicionário das cineastas brasileiras” (LUSVARGHI e SILVA, 2019). Ela é composta por mais de 250 verbetes<sup>10</sup> sobre diretoras com pelo menos um longa lançado comercialmente, sendo uma catalogação meticulosa e de grande ajuda a estudantes de cinema, críticos e pesquisadores (CAÚ, 2020).

É preciso responder não apenas quem decide as histórias que vão ser contadas, mas quem determina que, uma vez contadas, elas serão ouvidas, ampliadas, discutidas. É nesse sentido que, buscando estabelecer um diálogo entre pesquisadoras e cineastas através de seus artigos, o livro se mostra oportuno e necessário, promovendo uma dupla legitimação desses grupos de mulheres que, ambos, tentam firmar seus territórios na cartografia do cinema brasileiro. (CAÚ, 2020, p. 3)

A segunda obra encontrada foi o livro “The Female Gaze: Essential Movies Made by Women”. Usado diversas vezes como referência nesta monografia, ela foi lançada em 2018 pela repórter de cinema Alicia Malone, com o objetivo de mostrar que existem bons filmes dirigidos por mulheres e incentivar seu consumo. Já em sua introdução, a autora inicia a discussão sobre a falta de paridade de gênero na indústria do cinema, afirmando que uma das formas de melhorar essa situação é assistindo a produções como as indicadas no livro.

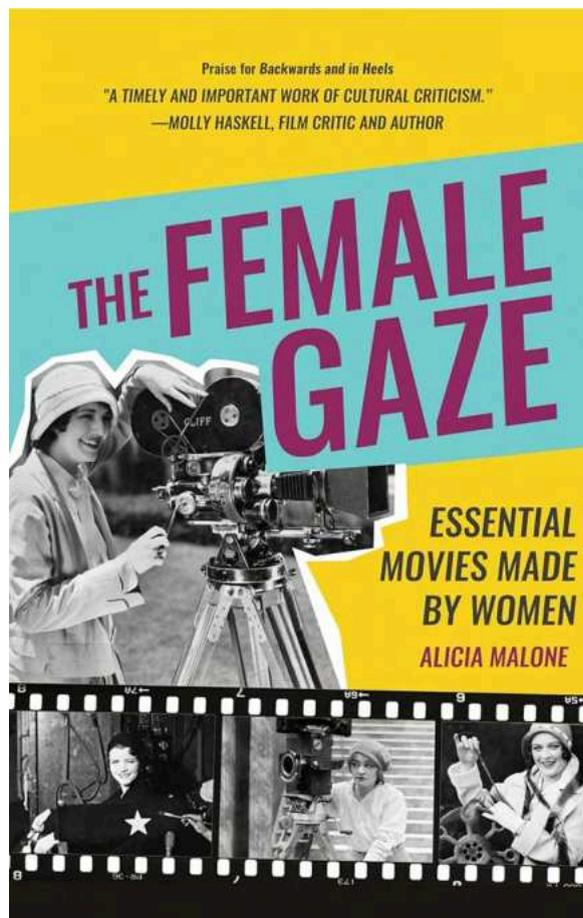
Com as conversas sobre as experiências das mulheres em Hollywood atualmente em alta, muitas vezes me perguntam como melhor apoiar as mulheres no cinema. A resposta? Assista a filmes feitos por mulheres. Cada clique, download ou compra de DVD ajuda a enviar uma mensagem de que queremos mais. É por isso que quis escrever o livro que você tem agora em mãos: para fornecer uma lista fácil e acessível de alguns dos meus filmes favoritos feitos por mulheres - muitos dos quais foram ignorados ou esquecidos, apesar de suas importantes contribuições para a história do cinema. (MALONE, 2018, p.8)<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Verbetes é um texto escrito, de caráter informativo, destinado a explicar um conceito seguindo padrões de um dicionário ou uma enciclopédia.

<sup>11</sup> Tradução livre de: With conversations about women's experiences in Hollywood currently at fever pitch, I am often asked how to best support women in film. The answer? Watch movies made by women. Every click, download, or DVD purchase helps to send a message that we want more. That is why I wanted to write the book you now hold in your hands: to provide an easy, accessible list of some

Figura 2: capa do livro “The Female Gaze: Essential Movies Made by Women”

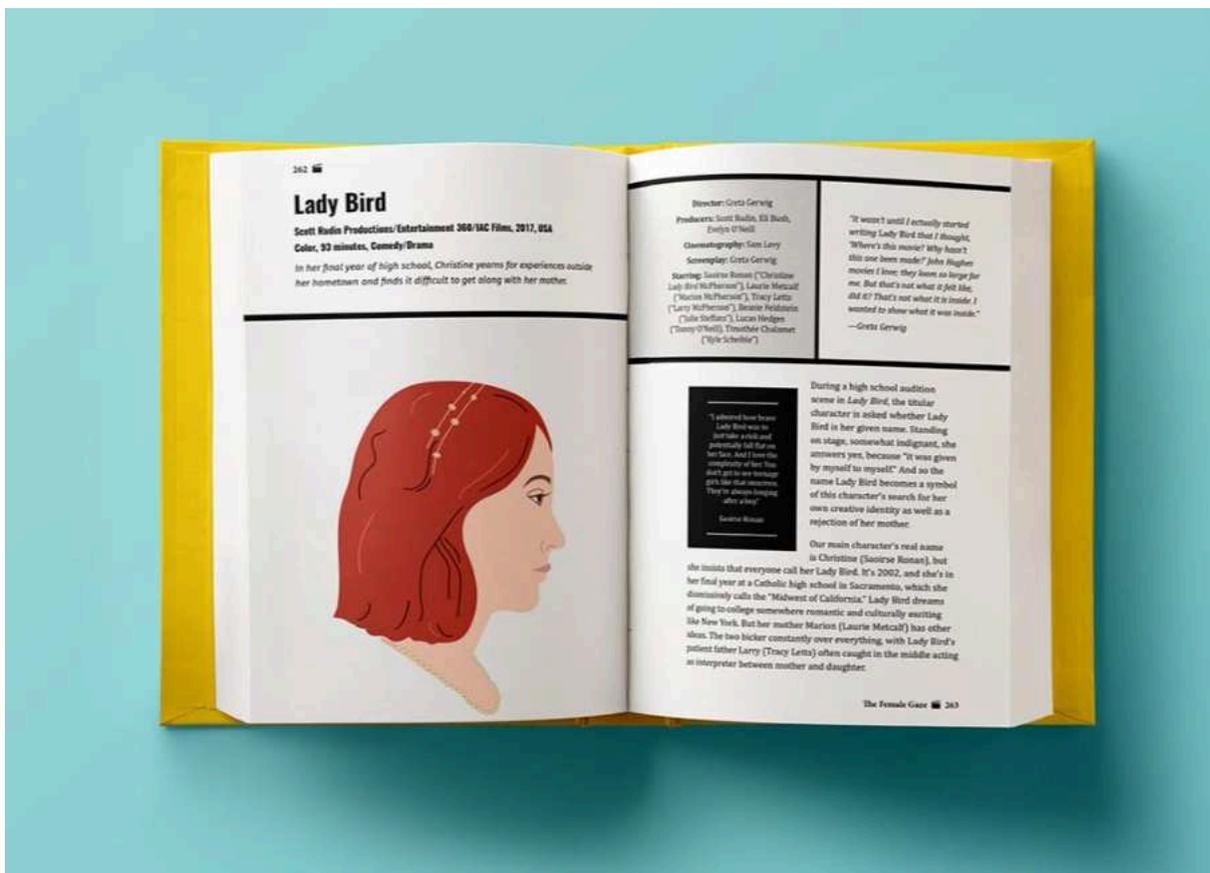


O nome “The Female Gaze”, que pode ser traduzido como “o olhar feminino”, teve inspiração no artigo “Visual Pleasure and Narrative Cinema”, escrito em 1973 pela teórica feminista Laura Mulvey. Nesse ensaio, após analisar diversos filmes hollywoodianos, Mulvey concluiu que as produções sempre seguiam uma perspectiva muito masculina, transformando as mulheres em cena em objetos sexuais passivos (MALONE, 2018). Após essa conclusão, ela cunhou o termo “the male gaze”, ou “o olhar masculino”, para representar essa ação.

---

of my favorite movies made by women-many of whom have been overlooked or forgotten, despite their important contributions to the history of cinema. (MALONE, 2018, p.8)

Figura 3: miolo do livro “The Female Gaze: Essential Movies Made by Women”



No início da introdução de seu livro, Alicia Malone explica que o termo “the female gaze” é algo que simplesmente não existe, visto que não é pelo “olhar feminino” que a sociedade funciona. Entretanto, ele foi escolhido como título da obra com o objetivo de abrir uma conversa sobre a experiência que se tem ao assistir a filmes e a personagens quando você é do gênero masculino.

O que acontece, por exemplo, quando olhamos o mundo do ponto de vista feminino? Como as mulheres se veem? Como as mulheres veem outras mulheres? O que torna um filme essencialmente feminino? O que o público com qualquer identificação de gênero pode ganhar ao ver um filme através de lentes femininas? Essas e outras questões estão no cerne deste livro. (MALONE, 2018, p. 7-8)<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Tradução livre de: What happens, for example, when we look at the world from a female point of view? How do women see themselves? How do women see other women? What makes a movie essentially feminine? What can audiences of any gender identification gain by looking at film through a female lens? These and other questions are at the heart of this book. (MALONE, 2018, p. 7-8)

Publicado pelo grupo Mango Publishing, o volume conta com 57 capítulos, sendo 54 dedicados a indicações de filmes para assistir. Ele começa com uma introdução, explicando o que levou Alicia a criar aquele livro, e, depois de abordar os longa-metragens, se encerra com uma seção de aprendizados e um “sobre a autora”.

De acordo com Martin (2022), a obra pode ser caracterizada como um guia de filmes feitos por mulheres, tendo organização em ordem cronológica e estrutura que se assemelha a de uma enciclopédia. No livro, cada um desses capítulos conta com as seguintes seções: o título do filme, uma ilustração representativa, uma citação da diretora, detalhes da produção, um resumo da história da cineasta e uma seção intitulada “The Female Gaze”, destacando a perspectiva feminina única do filme (MARTIN, 2022).

*The Female Gaze* e livros semelhantes são importantes. Eles apontam como podemos retratar as mulheres e explorar suas experiências sem objetificação, sem sexualizá-las e sem diminuí-las. Esses livros defendem as mulheres, tanto do passado quanto do presente, engajadas na arte do cinema, e elas servem de inspiração para aspirantes a cineastas. À medida que avançamos, em direção a um ponto (que eu espero) que possamos apenas dizer “cineasta” ao contrário de “cineasta feminina”, ainda podemos comemorar. (MARTIN, 2022, p.1)<sup>13</sup>

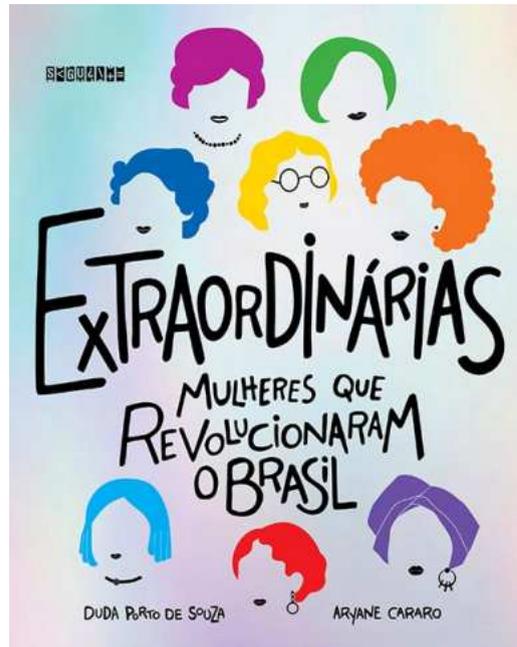
Indo além do tópico de mulheres no cinema, os livros com ilustração também são frequentemente utilizados para abordar assuntos feministas em geral. Dentre os diversos exemplos desse tipo de publicação, a obra “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil” foi escolhida para essa análise.

Lançado em 2017 pela Editora Seguinte, o livro foi organizado pelas jornalistas Duda Porto e Aryane Cararo e tem como objetivo contar a história de algumas das várias mulheres que mudaram a história do Brasil. Nele, foram escolhidas 44 protagonistas femininas que passaram a vida lutando pelo que acreditavam, mas tiveram seus nomes ignorados no percurso, tal como Antonieta de Barros e Madalena Caramuru.

---

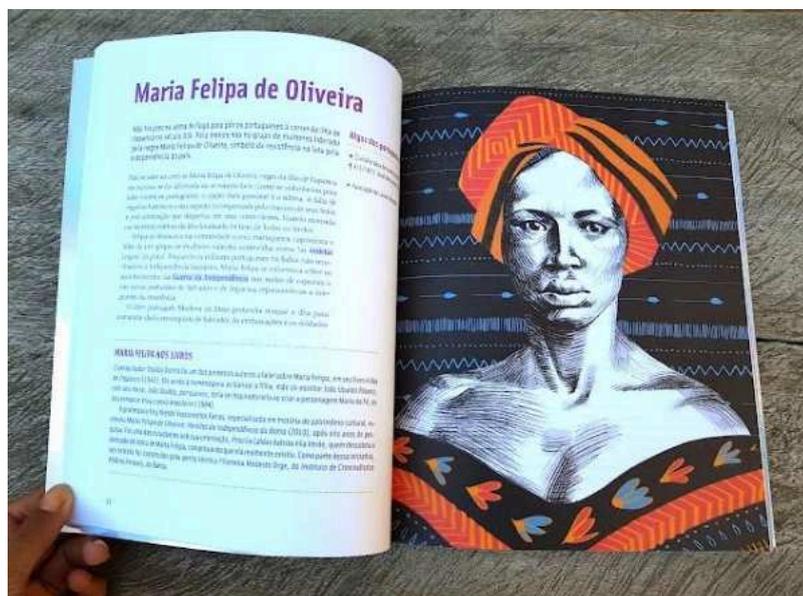
<sup>13</sup> Tradução livre de: *The Female Gaze* and books like it are important. They point out how we can portray women and explore their experiences without objectification, without sexualizing and diminishing them. These books champion women, both past and present, engaged in the art of filmmaking, and they serve as inspiration to aspiring female filmmakers. As we trudge forward, toward a point (I hope) where we can just say “filmmaker” as opposed to “female filmmaker,” we can still celebrate (MARTIN, 2022, p.1).

Figura 4: capa do livro “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”



Se utilizando de uma linguagem acessível e envolvente, a obra fala sobre a força e a coragem dessas mulheres, mostrando sua importância na luta pela igualdade de direitos e, conseqüentemente, para as mudanças históricas do país. Visto que normalmente as vozes de mulheres negras e indígenas não ganham um espaço para expressão, esse conteúdo se mostra de grande relevância cultural, abrangendo trajetórias de diversas raças e etnias (LAPA, 2018).

Figura 5: miolo do livro “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”



Em seu conteúdo, a introdução aborda a importância de estudar as “heroínas da vida real”, principalmente as brasileiras, de um modo mais plural e abrangente possível. Posteriormente, seus capítulos são divididos pelos nomes das mulheres, onde cada um deles também conta com uma ilustração da protagonista daquela história. O livro teve a participação de sete ilustradoras, tendo um conteúdo escrito e ilustrado integralmente por mulheres. Por fim, após apresentar as personagens, a obra ainda conta com uma linha do tempo que mostra o avanço dos direitos femininos no Brasil.

Extraordinárias serve para mostrar que as mulheres sempre lutaram, seja no palco ou nos bastidores da história. Através deste livro conhecemos muitas mulheres que revolucionaram o país nas mais diversas áreas. A primeira brasileira alfabetizada, ainda em meados de 1550, filha de uma índia e um português. Uma garota de 18 anos que largou a casa e o marido para se unir a uma rebelião e viver um grande amor. A figura de uma mãe que usou todo seu poder de mídia e contatos para lutar contra aqueles que assassinaram seu filho, e acabou morta por isso. Uma missionária que foi assassinada a sangue frio por defender o direito a uma distribuição justa de terras. (HENKER, 2018, p.1)



### 3. REFERÊNCIAS VISUAIS

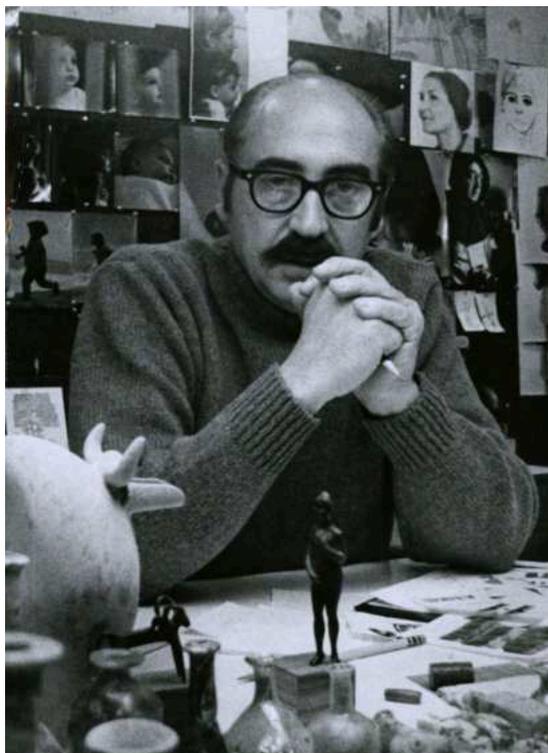
Após definir o suporte do meu projeto gráfico e procurar por publicações similares, comecei a buscar por referências visuais que transmitissem a ideia que eu queria passar com o meu trabalho de design editorial. Nessa busca, encontrei o trabalho de dois designers internacionais: o americano Saul Bass e a australiana Shanti Sparrow.

Os dois artistas são de épocas completamente diferentes, visto que Bass nasceu nos anos 1920 e Sparrow nos 1980. Entretanto, suas composições compartilham de algumas características principais, como o minimalismo e o uso de cores sólidas e vibrantes. Ao longo deste capítulo, entenderemos melhor sobre seus trabalhos e a escolha de usá-los como inspiração nesse projeto.

#### 3.1 Saul Bass

Artista, designer gráfico e premiado cineasta, Saul Bass foi uma das personas mais importantes do século XX no meio artístico. Tendo trabalhado com grandes diretores, seus designs de cartazes e aberturas de filmes foram marcantes em famosas produções, como *Um Corpo que Cai* (1958), de Alfred Hitchcock, e *O Homem do Braço de Ouro* (1955), de Otto Preminger (TAÚ, OLIVEIRA, NESTERIUK, 2015). Sua carreira no design durou mais de seis décadas, onde ele foi o criador de algumas identidades visuais conhecidas até hoje, como as das grandes empresas Quaker, Continental Airlines e Dixie, entre outras (ALTANIEL, 2018).

Figura 6: foto do designer Saul Bass em seu escritório, nos anos 1970



Nascido na cidade de Nova York, Saul Bass estudou no Art Students League e no Brooklyn College antes de ir trabalhar na indústria cinematográfica de Hollywood, em 1946. Interessado pela ilustração e pela tipografia desde a infância, foi durante o tempo na faculdade que Bass desenvolveu melhor a personalidade de sua arte. Nessa época, ele teve como principal inspiração o artista modernista Gyorgy Kepes, que foi seu professor (ALTANIEL, 2018).

Através de sua arte de forte influência da Bauhaus, Kepes ajudou a moldar o que se tornaria a identidade estética de Bass. Como os fundamentos da escola alemã eram ligados à Gestalt, Saul aprendeu com este professor as dimensões da composição, relacionadas ao equilíbrio, ao contraste, à unidade etc (BASS; KIRKHAM, 2011).

Ao se mudar para Los Angeles, Bass foi responsável por diversos posters de divulgação de filmes e sua produção gráfica representou uma mudança no design de cartazes usados até então. Na época, os pôsteres de cinema normalmente envolviam os atores ou uma cena da própria obra. De acordo com Taú, Oliveira, Nesteriuk (2015), ao trabalhar com a simplificação e a abstração de elementos

importantes dos filmes, o designer mantinha coerência e articulação com a identidade visual do projeto. Com isso, Saul criava peças de muita originalidade e destaque frente às outras produções.

Dono de um design único, seu trabalho utilizava de construções geométricas, uma paleta de cores restrita, fontes capitais e um layout dinâmico (BICALHO, 2017). Além disso, Saul Bass ficou bastante conhecido pelas tipografias que desenvolveu a partir do uso de recortes de papel, que foram muito usados entre os anos 1950 e 1960 (ALTANIEL, 2018).

O uso de formas geométricas pode ser encontrado também em trabalhos da Bauhaus, escola fundada em 1919 que influenciou o design em todo o mundo. Gyorgy Kepes, que foi professor de Saul Bass no Brooklyn College, foi também um dos mais ativos colaboradores da Bauhaus, que junto com muitos outros designers precisou fugir da Europa por causa de perseguições da Segunda Guerra Mundial. (TAÚ, OLIVEIRA, NESTERIUK, 2015, p. 11)

Figura 7: exemplo de posters de filmes criados por Saul Bass



Seus posters foram uma inspiração para esse trabalho não somente por unir design e cinema, mas também pelo fato dele ser um dos primeiros designers a criar cartazes minimalistas para filmes. Além disso, suas composições continham ilustrações com poucos detalhes, faziam uso de cores sólidas e sempre utilizavam

letras capitulares nos títulos das obras. Todas essas características eram compatíveis com o que estava buscando aplicar em meu projeto gráfico.

### **3.2 Shanti Sparrow**

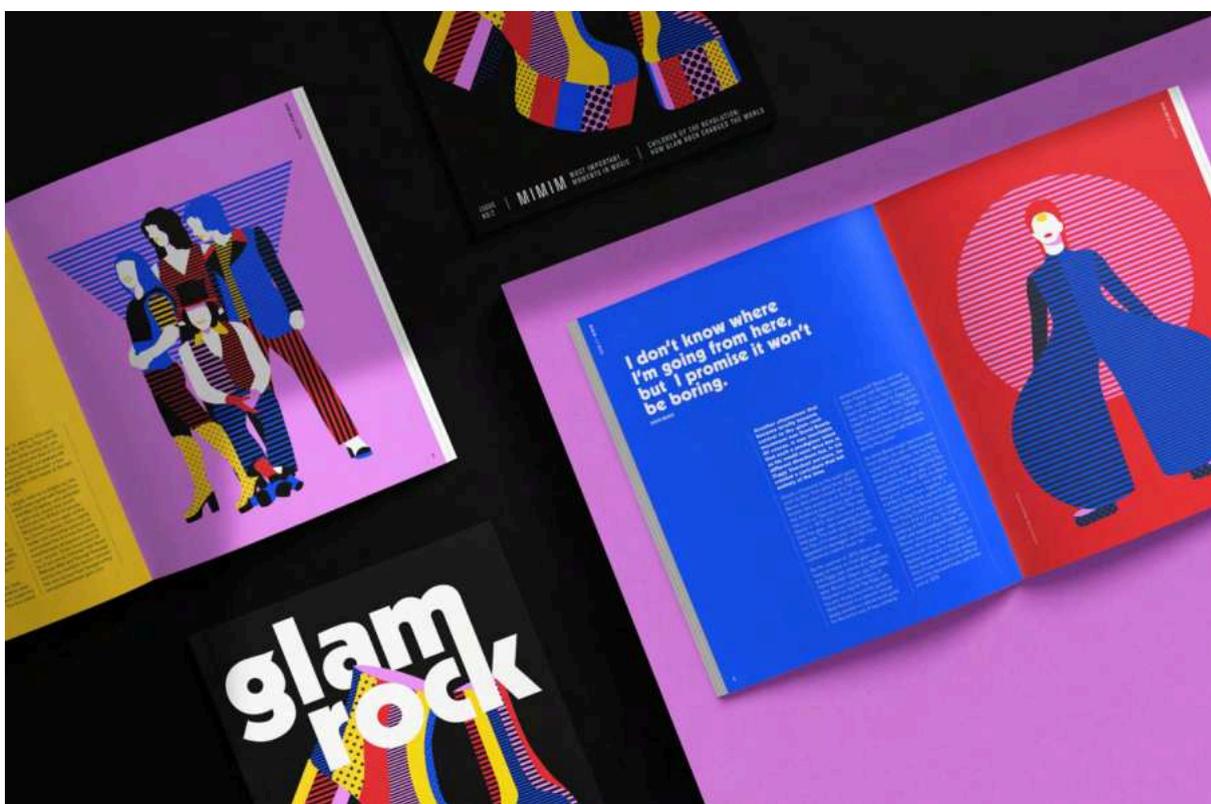
Além dos posters de Saul Bass, a estética das publicações editoriais da australiana Shanti Sparrow também me serviram de grande inspiração ao diagramar o meu projeto gráfico. Premiada designer e ilustradora, Sparrow vive atualmente na cidade de Nova York, onde atua como Designer de Conteúdo Visual Sênior na Adobe. Ela é dona de um estilo bem autêntico, ao qual a própria definiu como “minimalismo gritante”, durante uma participação para o canal do YouTube da Adobe Creative Cloud.

Figura 8: foto do designer Shanti Sparrow



Especialista em design conceitual<sup>14</sup>, ela possui uma abordagem visual repleta de cores vibrantes, mix de texturas e tipografias em negrito. Embora sejam características um tanto chamativas, Sparrow consegue manter um estilo mais minimalista em suas composições. Além disso, suas ilustrações vetoriais tendem para o realismo, muitas vezes sendo baseadas em fotografias coletadas da internet (Adobe Creative Cloud, 2020). Isso pode ser visto, por exemplo, em seu trabalho que mais me inspirou, a MIMIM Zine: edição Glam Rock.

Figura 9: MIMIM Zine: edição Glam Rock



Fonte: SHANTI SPARROW (2019)

O projeto MIMIM Zine foi desenvolvido para a Adobe Live e tem o objetivo de explorar os momentos históricos mais importantes da música internacional. Até então, ele contou somente com duas edições: a Woodstock e a Glam Rock. Neste trabalho, focaremos na segunda.

De acordo com Sparrow (2019), esse editorial foi inspirado no movimento glam rock, que teve origem no Reino Unido entre os anos de 1970 e 1975. Nele

---

<sup>14</sup> No Design Conceitual, o designer tem por objetivo transmitir uma mensagem, com a liberdade de questionar, estudar e repensar o projeto.

foram usadas cores e padrões vibrantes para celebrar os trajes e todo espetáculo que envolvia este momento da música. Contendo 16 páginas e o formato 27,9 x 21,6 cm, todo o conteúdo textual do projeto foi baseado no artigo “Children of the revolution: how Glam Rock changed the world”, escrito por Mark Elliott em 2019.

Como inspiração para as cores desta edição, Sparrow pesquisou diversas fotos de artistas pertencentes ao movimento, como David Bowie, Alice Cooper e Elton John. A partir delas, ela observou quais tons possuíam maior repetição e criou a paleta do projeto. Já na hora de montar as ilustrações vetoriais, Shanti utilizou algumas dessas fotografias como base para o desenho, com o objetivo de manter ele com proporções bem realistas (Adobe Creative Cloud, 2020).

Figura 10: exemplo de páginas da MIMIM Zine: edição Glam Rock



Assim como Saul Bass, a artista fez bastante uso de cores sólidas em seu projeto, adicionando texturas somente nas ilustrações. Seu design mais simplista me serviu de inspiração principalmente por ser voltado para a realidade do editorial, onde a relação texto-imagem ficou bem estabelecida e delimitada nas páginas. Além disso, assim como a australiana, minhas ilustrações também são realistas e baseadas em fotos que encontro na internet, então seu trabalho e suas escolhas acabaram se assemelhando bastante com o que eu havia planejado neste projeto.

Encerrado o conteúdo teórico deste trabalho, agora avançaremos para a etapa de desenvolvimento projetual, onde serão explicadas detalhadamente cada escolha feita para a construção do livro com ilustração.



## **4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

O projeto “Close Up” começou com a ideia de enaltecer o trabalho de diretoras de cinema, após compreender que elas não são reconhecidas devidamente nas premiações do Oscar. Partindo dessa premissa, o trabalho foi pensado em forma de livro, com capítulos que trarão conhecimento quanto à história da categoria de Melhor Direção e uma abordagem individual das mulheres indicadas a ela.

### **4.1 Configurações Gráficas e Público-alvo**

Este projeto de livro foi inicialmente pensado em um formato 17,5 cm x 21,5 cm, com base no livro “A produção de um livro independente”, de Ellen Lupton. Entretanto, além do baixo aproveitamento de papel, o tamanho não mostrou valorizar as ilustrações e o conteúdo escrito, que parecia comprimido e com pouco respiro na impressão. Com isso, na tentativa de encontrar um formato ideal, foram realizados novos testes junto à diagramação, priorizando a legibilidade e a percepção das ilustrações.

Após esse processo, foi verificado que o formato 18 cm x 24 cm seria o mais adequado. Mesmo que o aproveitamento de papel ainda não seja o ideal, os tamanhos maiores se mostram exagerados para a publicação, enquanto os menores repetiram o problema da valorização do conteúdo. Por fim, este trabalho pode ser resumido como um livro impresso de lombada quadrada brochura, com acabamento de verniz localizado na capa - no título e no nome da autora. Seu formato aberto possui as dimensões de 36,5 cm x 24 cm e seu miolo contém 60 páginas em papel offset 120g/m<sup>2</sup>.

O seu público-alvo são pessoas que possuem um nível básico de conhecimento sobre cinema e que têm interesse no assunto. Ele é majoritariamente composto por mulheres, com faixa etária a partir dos 12 anos.

## 4.2 Naming

O nome “Close Up” representa um tipo de enquadramento muito utilizado em filmes e na fotografia. Caracterizado pelo seu plano fechado, ele mostra apenas uma parte de um objeto ou assunto filmado, geralmente sendo o rosto de uma pessoa. Escolhi esse nome pois criei o projeto com o objetivo de trazer foco para as diretoras de cinema, dando um *close* em suas histórias e trabalhos profissionais.

### 4.2.1 As Cineastas

#### a) Lina Wertmüller

Figura 11: Lina Wertmüller



Dona de uma obra cinematográfica extensa, Lina Wertmüller foi um dos principais nomes do cinema italiano, principalmente entre os anos 1960 e 1970. Atuando em uma época ainda muito limitante às mulheres, a cineasta escreveu o roteiro de todos os seus

filmes, combinando guerra de sexos com política de esquerda. Com um estilo muito original que abordava assuntos complexos de modo leve e cômico, Wertmüller se tornou a primeira mulher a concorrer à categoria de Melhor Direção do Oscar, pela obra *Pasqualino Sete Belezas* (1975), em 1976. Pouco antes de falecer, Lina finalmente teve seu reconhecimento consolidado pela Academia de Artes de Los Angeles. Durante a premiação do *Governors Awards* de 2019, a diretora recebeu o Oscar Honorário, uma homenagem concedida a artistas que contribuíram para a história do cinema. Wertmüller teve sua morte anunciada em dezembro de 2021, aos 93 anos.

b) Jane Campion

Figura 12: Jane Campion



Jane Campion é uma das maiores diretoras que já tivemos e possui grande relevância para o cenário feminino no cinema. Pioneira, ela foi a primeira mulher a receber a Palma de Ouro do Festival de Cinema de Cannes e é, até o momento, a única a concorrer mais de uma vez ao Oscar de Melhor Direção e a vencer a premiação tanto em Melhor Direção quanto em Melhor Roteiro. A neozelandesa já dirigiu nove longa-metragens, dois deles sendo a razão de tamanhas conquistas: *O Piano* (1993) e *Ataque dos Cães* (2021).

c) Sofia Coppola

Figura 13: Sofia Coppola



Nascida no meio artístico, Sofia Coppola passou por um início de carreira frustrante e anos de comparações ao pai, o cineasta Francis Ford Coppola. Após receber diversas críticas por sua atuação na franquia O Poderoso Chefão, Sofia começa sua carreira como diretora e roteirista no final dos anos 90, quando começa a trilhar um caminho fora das sombras do pai. Hoje, a diretora, roteirista e produtora norte-americana faz parte de um seleto grupo de sete mulheres que já foram indicadas ao Oscar de Melhor Direção. Sua indicação veio graças a obra Encontros e Desencontros (2003), que também foi indicado a Melhor Filme e venceu como Melhor Roteiro Original.

d) Kathryn Bigelow

Figura 14: Kathryn Bigelow



A cineasta Kathryn Bigelow deixou seu marco na história como a primeira mulher a ganhar um Oscar de Melhor Direção, em 2010. A americana foi premiada pelo filme Guerra ao Terror (2008), que também se tornou o primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher a ganhar a estatueta de Melhor Filme. Com mais de 40 anos de carreira, a diretora e produtora conta com um currículo de 11 filmes, além de ter dirigido alguns episódios para séries de tv. Ainda em 2010, Bigelow foi listada como uma das cem pessoas mais influentes do mundo pela revista Time.

e) Greta Gerwig

Figura 15: Greta Gerwig



Atriz, diretora e roteirista, Greta Gerwig é uma das mulheres mais reconhecidas em Hollywood atualmente. Apesar de ter começado a carreira em filmes independentes, ela rapidamente se tornou um nome importante no cinema, sendo a quinta mulher na história a ser indicada ao Oscar de Melhor Diretora, em 2018. Gerwig trabalhou com grandes cineastas como Woody Allen e Noah Baumbach antes de dirigir os próprios filmes, *Lady Bird* (2018), *Adoráveis Mulheres* (2019) e *Barbie* (2023).

f) Chloé Zhao

Figura 16: Chloé Zhao



Já conhecido no cinema independente, o nome Chloé Zhao foi apresentado ao grande público após fazer história no Oscar de 2021 e entrar para o time da Marvel Studios. Multitalentosa, Zhao é diretora, produtora, roteirista e editora de cinema, além de contar com diversos filmes exibidos e premiados em festivais internacionais. Sua ascensão meteórica começou depois de dirigir somente três longa-metragens, quando *Nomadland* a tornou a primeira mulher não-branca a ganhar a estatueta do Oscar de melhor direção. A obra também a consagrou como a primeira mulher indicada a quatro Oscars em um só ano (direção, filme, roteiro adaptado e edição).

g) Emerald Fennell

Figura 17: Emerald Fennell



Mais conhecida por sua carreira como atriz, Emerald Fennell surpreendeu a todos com sua estreia como diretora, com o longa *Bela Vingança* (2020). A obra foi aclamada pelo público e pela crítica, rendendo a ela uma indicação ao Oscar de Melhor Direção e a conquista da estatueta de Melhor Roteiro Original. Fennell foi a primeira mulher britânica a conseguir uma indicação na categoria de direção e, mesmo com apenas um filme na carreira, já desponta como uma das principais referências de cineastas da próxima geração.

### **4.3 As Cores**

As páginas do miolo foram pensadas para serem bem coloridas, com o objetivo de trazer enfoque para as histórias das cineastas, que é a parte principal do livro. Com isso, para trazer mais equilíbrio ao conteúdo geral, o restante do material informacional foi utilizado em preto e branco, até mesmo porque o uso de outras

cores nos outros capítulos se mostrou exagerado e confuso, dada a diversidade da paleta utilizada para as cineastas.

Para a capa, além de variações tonais de preto, foram utilizadas uma das cores de cada uma das três vencedoras do Oscar: Kathryn Bigelow (vermelho), Chloé Zhao (lilás) e Jane Campion (verde musgo).

#### 4.3.1 As cores de cada diretora

Na hora de decidir as cores que representariam cada diretora, optei por fazer uma análise de cor nos pôsteres de seus filmes mais famosos. Em casos em que a paleta dos cartazes se tornava muito repetitiva no livro ou não condizia com a utilizada em todo o filme, escolhi por analisar as cores usadas nas cenas dos próprios filmes em questão.

##### a) Lina Wertmüller

Figura 18: pôster do filme Pasqualino Sete Belezas (1975)



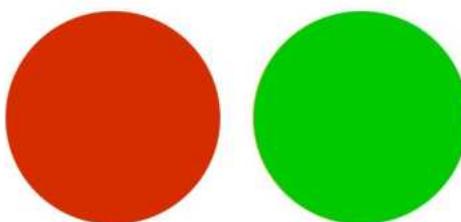
Para representar Lina Wertmüller, o filme escolhido foi Pasqualino Sete Belezas (1975), obra que a nomeado ao Oscar de melhor direção. Como o cartaz apresentado acima não exibe muito a paleta de cores do filme, decidi utilizar uma cena do filme como ajuda complementar.

Figura 19: cena do filme Pasqualino Sete Belezas (1975)



O corte de imagem exibido acima foi o escolhido para a análise, que traz o personagem no cenário logo no início do filme e tem um paleta bem definida. Com isso, as cores escolhidas para representar o filme foram o verde e o vermelho.

Figura 20: cores escolhidas para Lina Wertmüller



b) Jane Campion

Figura 21: pôster do filme Ataque dos Cães (2022)



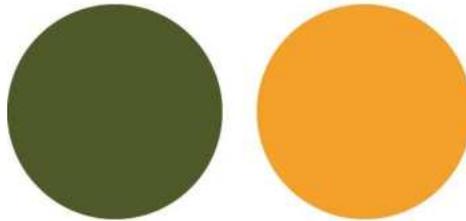
O filme escolhido para representar Jane Campion foi Ataque dos Cães (2022), obra que concedeu à cineasta o seu primeiro Oscar de direção. Porém, o poster de divulgação do longa não é muito abrangente quanto à paleta de cores do filme, então decidi por analisar uma de suas cenas.

Figura 22: cena do filme Ataque dos Cães (2022)



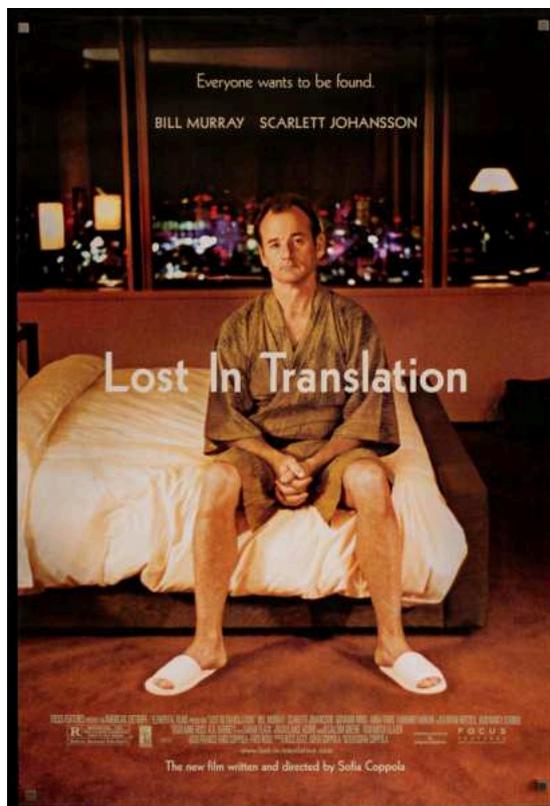
O corte de imagem exibido acima traz o personagem principal no cenário que aparece o filme todo, sendo uma boa cena para se coletar as cores, que foram o verde musgo e o amarelo mostarda.

Figura 23: cores escolhidas para Jane Campion



c) Sofia Coppola

Figura 24: pôster do filme Encontros e Desencontros (2003)



Como representante de Sofia Coppola, o filme Encontros e Desencontros (2003) foi o responsável pela nomeação da diretora ao Oscar. Porém, ao observar o

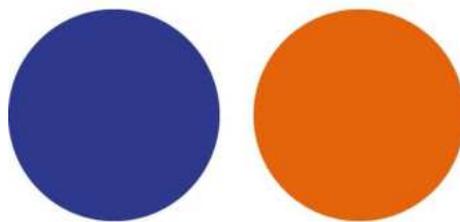
seu pôster de divulgação, notei que ele não abrangia toda a paleta do filme, que reveza entre tons quentes e frios. Com isso, parti para a escolha de uma cena do longa.

Figura 25: cena do filme Encontros e Desencontros (2003)



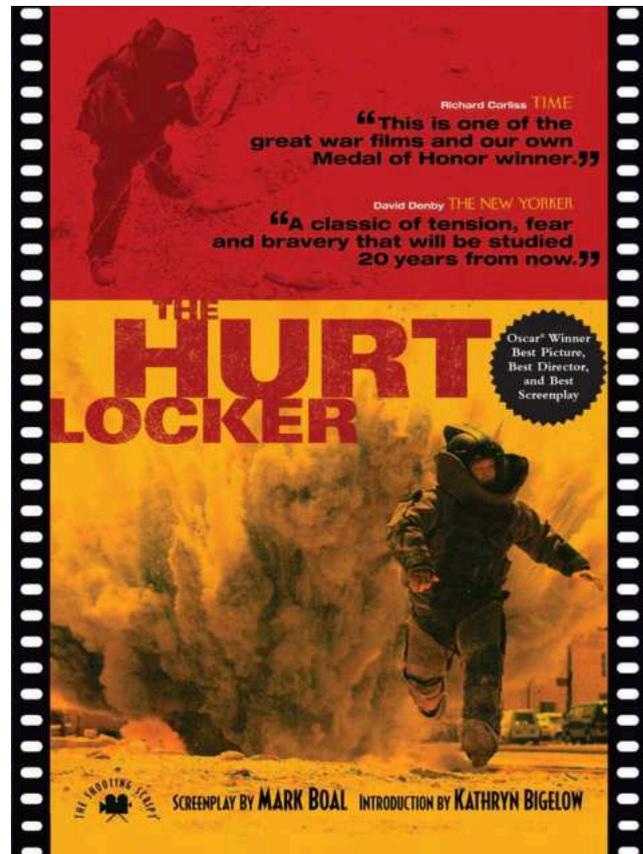
O corte de imagem selecionado faz parte de uma das cenas iniciais do filme, que marca o encontro dos personagens principais. Nela, notamos a prevalência do azul, mas também alguns pontos avermelhados, cores que foram selecionadas para a diretora.

Figura 26: cores escolhidas para Sofia Coppola



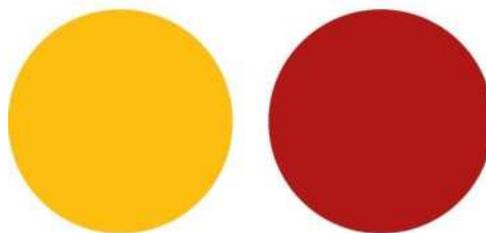
d) Kathryn Bigelow

Figura 27: pôster do filme Guerra ao Terror (2008)



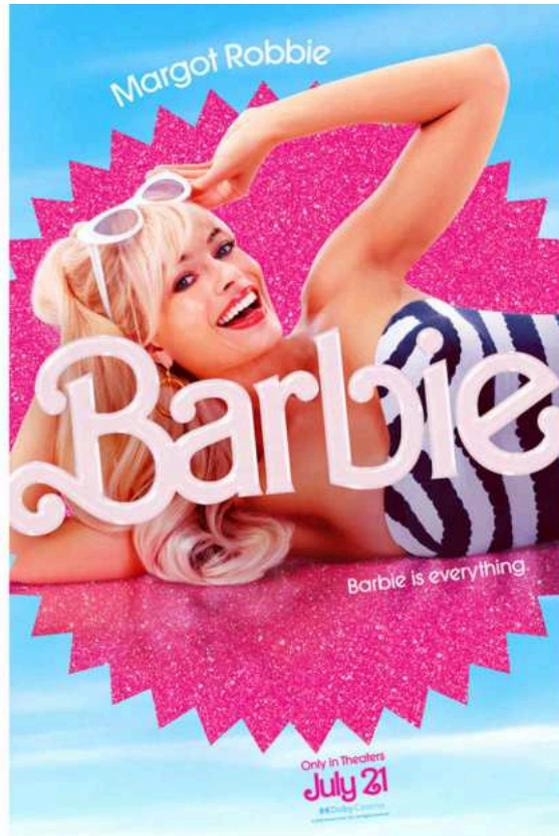
O filme escolhido foi Guerra ao Terror (2008), que foi o vencedor do Oscar para Bigelow. O cartaz apresentado acima foi usado para selecionar as cores que representariam a diretora: vermelho e amarelo. Elas combinam bem com a estética do filme, que narra a Guerra do Iraque, pois uso de tons amarelados pode ser remetido à aridez do deserto e o vermelho à parte sangüinária do confronto em si.

Figura 28: cores escolhidas para Kathryn Bigelow



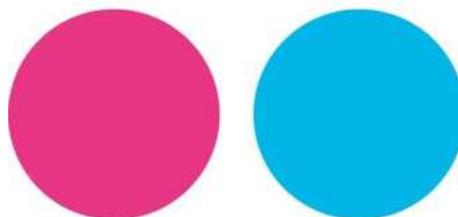
e) Greta Gerwig

Figura 29: pôster do filme Barbie (2023)



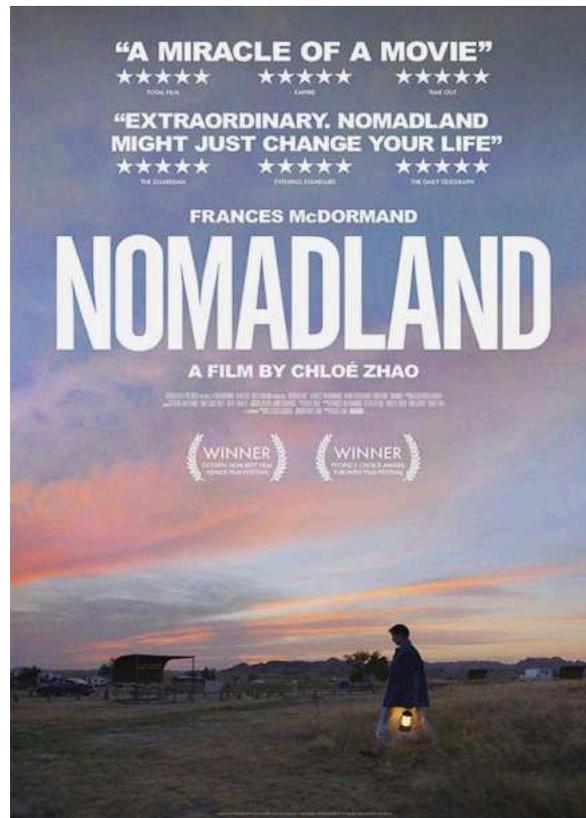
Depois do sucesso mundial de Barbie (2023), não tinha como outro filme representar Greta Gerwig. O cartaz apresentado acima foi usado nas divulgações iniciais do filme e, por trazer a personagem em evidência, foi o escolhido para selecionar as cores. Sem muita surpresa, as cores escolhidas para representar a diretora foram: azul claro e rosa choque, as mais usadas pela boneca mais famosa do mundo.

Figura 30: cores escolhidas para Greta Gerwig



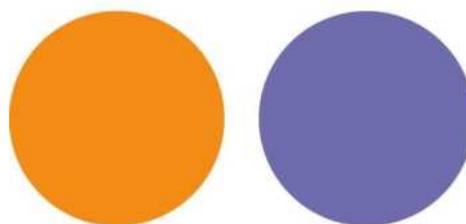
f) Chloé Zhao

Figura 31: pôster do filme Nomadland (2021)



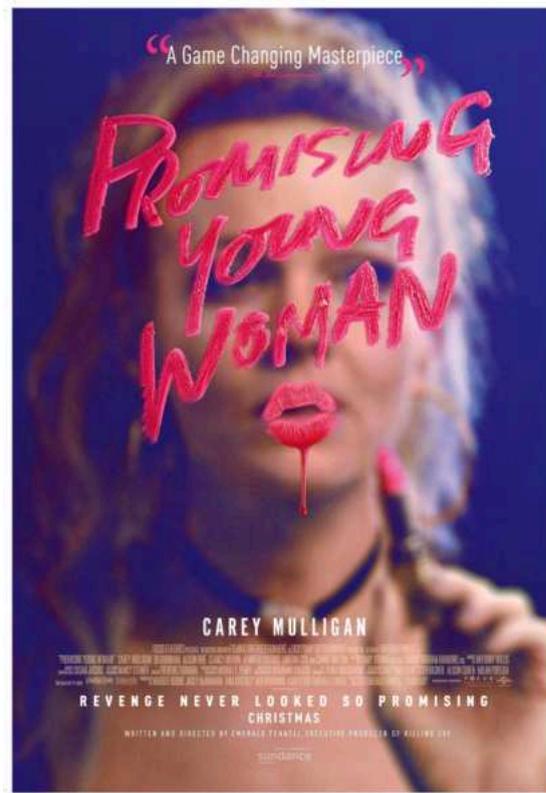
O longa Nomadland (2021) levou algumas estatuetas na premiação do Oscar, inclusive para a direção de Chloé Zhao. Pelo filme mostrar muitas cenas do céu em seus 108 min, o cartaz exibido acima foi usado para selecionar as cores que representariam a diretora: laranja e lilás.

Figura 32: cores escolhidas para Chloé Zhao



g) Emerald Fennell

Figura 33: pôster do filme Bela Vingança (2020)



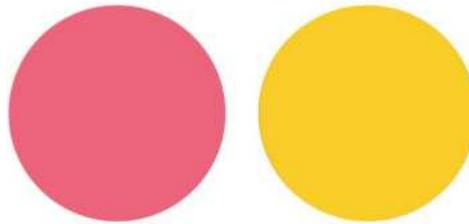
Bela Vingança (2020) é o único filme até então dirigido por Fennell, além de ter sido indicado ao Oscar. Como suas cores principais, azul e rosa, eram usadas por Barbie, resolvi analisar também uma das cenas do filme.

Figura 34: cena de Bela Vingança (2020)



O corte de imagem exibido acima faz parte de uma das cenas mais importantes do filme, e por isso foi escolhido para selecionar as cores de Emerald: rosa e amarelo.

Figura 35: cores escolhidas para Emerald Fennell



#### 4.4 As ilustrações

Neste projeto foram desenvolvidas 8 ilustrações: 1 para a capa e 7 para os subcapítulos de cada diretora. Com exceção da capa, todas as outras foram construídas tendo como base fotos dessas mesmas cineastas, com o objetivo de manter um nível de realismo nas proporções do desenho.

Figura 36: ilustração da capa



Figura 37: ilustração Lina Wertmüller



Figura 38: ilustração Jane Campion



Figura 39: ilustração Sofia Coppola



Figura 40: ilustração Kathryn Bigelow



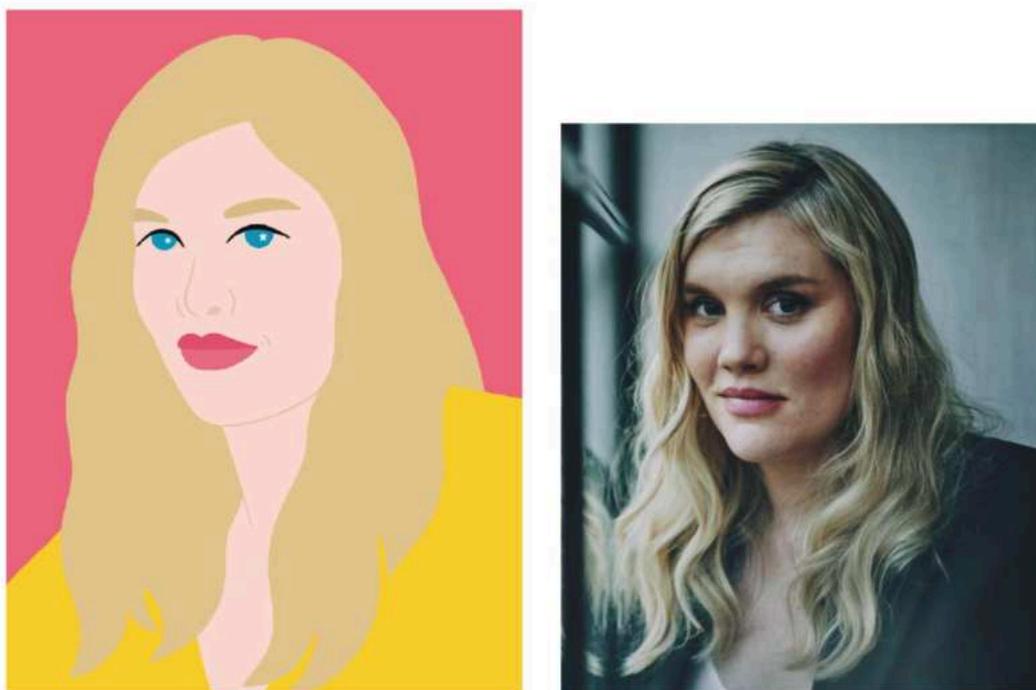
Figura 41: ilustração Greta Gerwig



Figura 42: ilustração Chloé Zhao



Figura 43: ilustração Emerald Fennell



#### 4.5 A Tipografia

A tipografia escolhida para o projeto foi a Gotham, uma fonte sem serifa, atemporal e minimalista. Ela foi selecionada pois seu design simples e moderno gera um equilíbrio com as ilustrações das páginas, além de ter uma boa aplicação tanto em textos corridos quanto em títulos. Além disso, ela já chegou a ser utilizada em posters de filmes prestigiados, como Parasita (2019) e Moonlight (2016), ambos vencedores do Oscar de Melhor Filme.

Figura 44: a tipografia Gotham

**GOTHAM**

**GOTHAM**

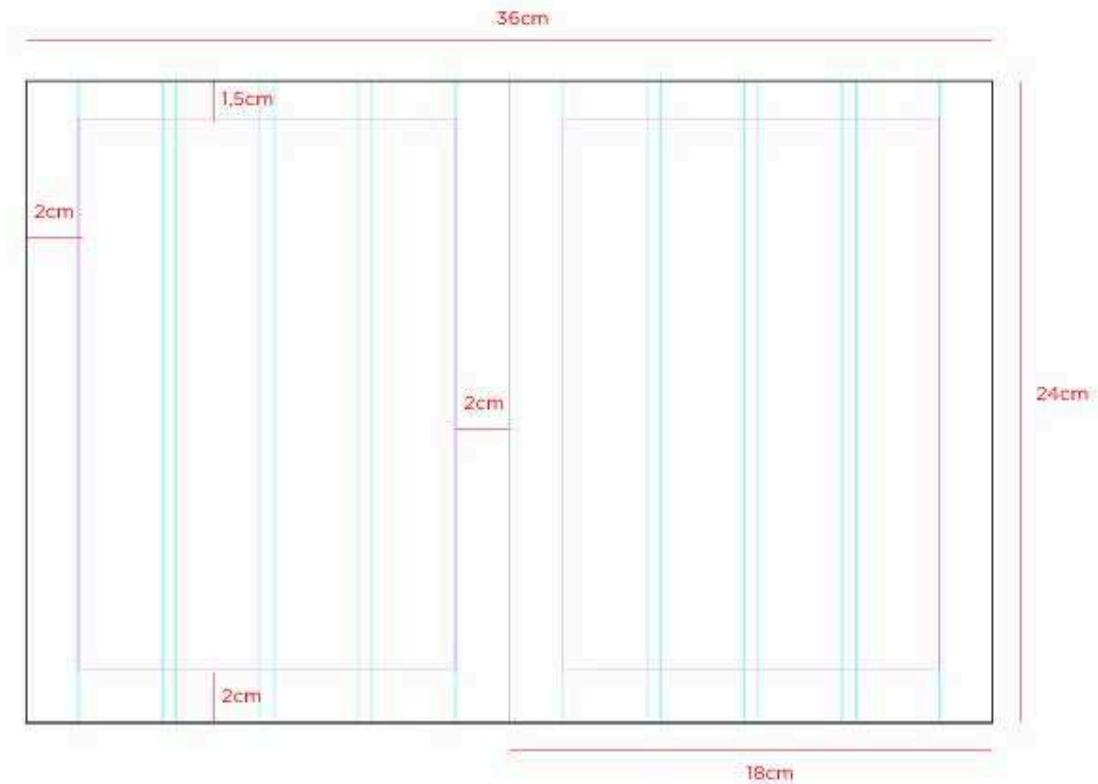
GOTHAM

A B C D E F G H I J K L M N Ñ O  
P Q R S T U V W X Y Z  
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

#### 4.6 A Grid

Por se tratar de um livro impresso, foi necessário pensar em uma boa margem externa e inferior para o texto, visto que a parte de baixo e a lateral são onde o leitor geralmente segura o livro. A melhor opção que atendia a esses requisitos foi a construção de uma grid em colunas, com margem superior de 1,5 cm, inferior de 2 cm, interior de 2 cm e externa de 2 cm. Assim, durante o manuseio, nem o conteúdo textual nem as ilustrações seriam prejudicadas.

Figura 45: a grid



#### 4.7 O Conteúdo Textual

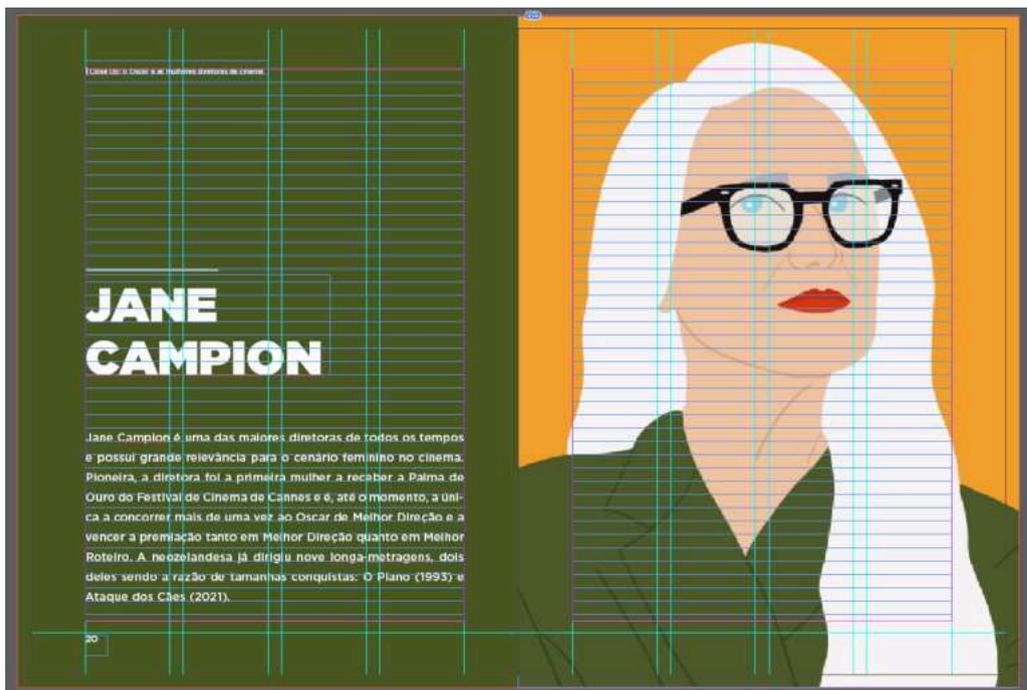
O conteúdo textual do livro foi inteiramente escrito por mim, com base em informações coletadas em entrevistas e matérias que comentavam sobre o trabalho das cineastas. Quanto ao uso da tipografia, nos textos corridos, foi utilizado o tamanho 8pt e entrelinha de 14pt, enquanto na cabeça o tamanho escolhido foi 7pt, ambos em Gotham Book. Nos títulos, foi aplicado o tamanho 34pt e entrelinha 42pt, enquanto na paginação foi escolhido o tamanho de 10pt, ambos em Gotham Medium.

Figura 46: exemplo de aplicação do conteúdo textual na grid



Já nas aberturas de capítulo, o tamanho utilizado para os títulos foi o de 50pt com entrelinha de 56pt, na tipografia Gotham Ultra. Seu conteúdo textual logo abaixo foi escrito em tamanho 12pt e entrelinha 21pt, em Gotham Medium.

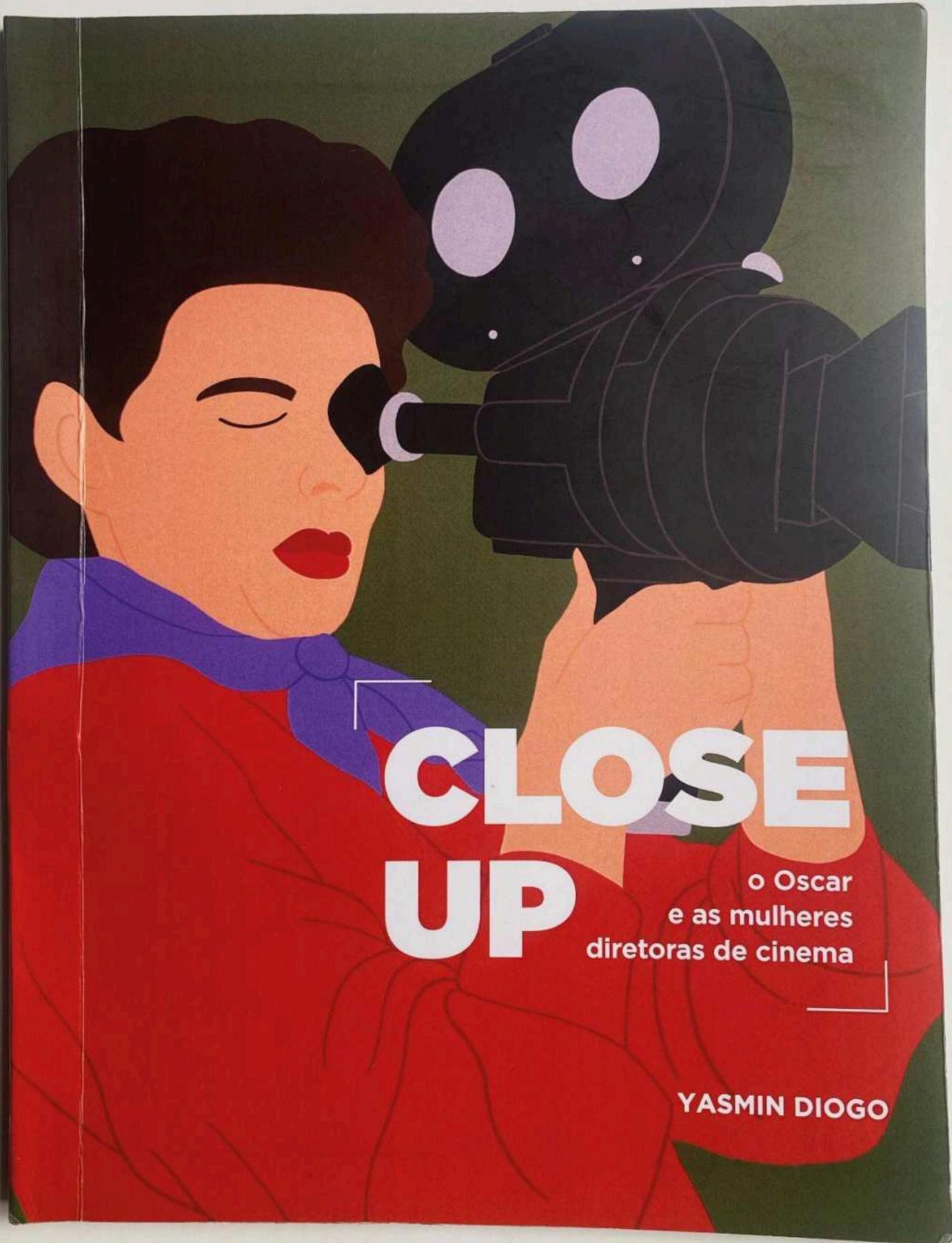
Figura 47: aplicação da abertura de capítulo na grid







**O PROJETO  
FINALIZADO**



# CLOSE UP

o Oscar  
e as mulheres  
diretoras de cinema

YASMIN DIOGO

**“NÃO HÁ NADA RELATIVO  
À REALIZAÇÃO DE UM  
FILME QUE UMA MULHER  
NÃO POSSA FAZER TÃO  
FACILMENTE QUANTO UM  
HOMEM, E NÃO HÁ RAZÃO  
PARA QUE ELA NÃO POSSA  
DOMINAR COMPLETAMENTE  
TODOS OS DETALHES  
TÉCNICOS DESSA ARTE.”**

Alice Guy-Blaché

A Close Up foi idealizada na disciplina Projeto Grid e Tipografia, do curso de Comunicação Visual Design da UFRJ, e posteriormente se tornou o trabalho de conclusão de curso da mesma graduação.

Ela é uma publicação voltada para os amantes da 7ª arte, com o intuito de apresentar e enaltecer as mulheres diretoras de cinema que fizeram e ainda fazem história nas grandes premiações internacionais, especialmente no Oscar.

Yasmin Duj

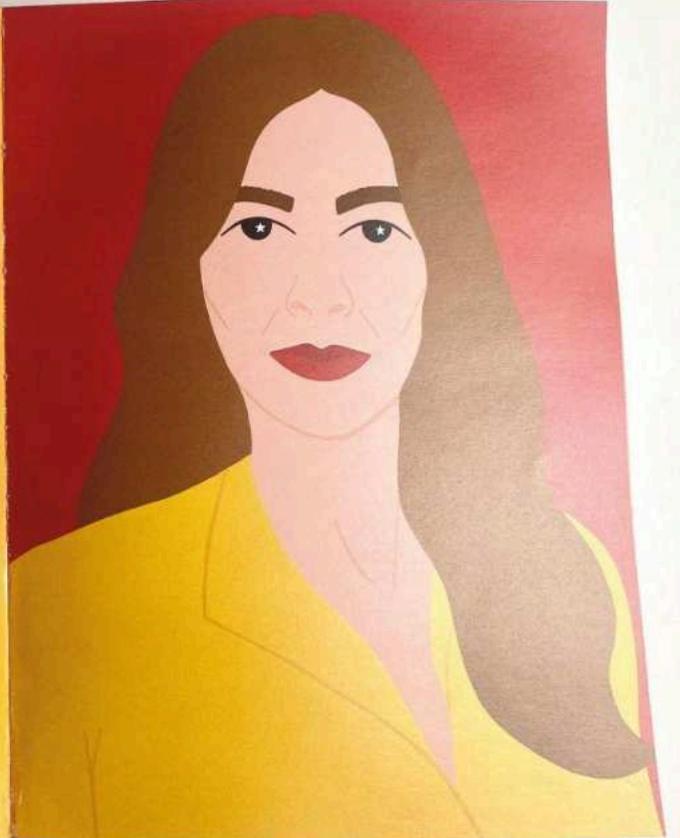
## SOFIA COPPOLA

Nascida no meio artístico, Sofia Coppola passou por um início de carreira frustrante e anos de comparações ao pai, o cineasta Francis Ford Coppola. Após receber diversas críticas por sua atuação na franquia O Poderoso Chefão, Sofia começa sua carreira como diretora e roteirista no final dos anos 90, quando começa a trilhar um caminho fora das sombras do pai. Hoje, a diretora, roteirista e produtora norte-americana faz parte de um seleto grupo de sete mulheres que já foram indicadas ao Oscar de Melhor Direção. Sua indicação veio graças a obra *Encontros e Desencontros* (2003), que também foi indicado a Melhor Filme e venceu como Melhor Roteiro Original.



## KATHRYN BIGELOW

Em 2010, na 82ª edição da premiação do Oscar, a cineasta Kathryn Bigelow deixou seu marco na história como a primeira mulher a ganhar um Oscar de Melhor Direção. A americana foi premiada pelo filme *Guerra ao Terror* (2008), que também se tornou o primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher a ganhar a estatueta de Melhor Filme. Com mais de 40 anos de carreira, a diretora e produtora conta com um currículo de 11 filmes, além de ter dirigido alguns episódios para séries de tv. Ainda em 2010, Bigelow foi listada como uma das cem pessoas mais influentes do mundo pela revista *Time*.



## CARREIRA E PROJETOS

Os curta-metragens dirigidos por Campion no início da carreira, nos anos 1980, tinham bastante energia erótica, já mostrando o potencial ousado e sem tabus da diretora. Após *Tissues* (1980), ela lança *Um Exercício de Disciplina: Cascas* (1982), um thriller psicológico entre um homem, sua irmã e seu filho, ambientado na beira de uma estrada. O curta rendeu a Jane sua primeira premiação no Festival de Cannes, sendo vencedor da Palma de Ouro de Melhor Curta, em 1986.

Em *A Girl's Own Story* (1984), a diretora examina a sexualidade de meninas adolescentes em subúrbios reprimidos. Esse foi o primeiro contato de Campion com a atriz Nicole Kidman, que tinha 14 anos na época. Ela foi escalada para o filme, mas desistiu pelo roteiro pedir que beijasse outra garota. Kidman posteriormente admitiu que este é um de seus poucos arrependimentos na carreira. Após se formar na Escola Australiana de Filme, Televisão e Rádio, Campion dirigiu um episódio da série *Dancing Daze* (1986) da ABC, o que a levou a dirigir o seu primeiro filme para a TV, chamado *Two Friends* (1986).

24

Sua estreia no cinema, porém, só veio com o longa *Sweetie* (1989), que aborda o relacionamento de uma jovem com seus próprios delírios e uma vida familiar caótica. Campion comentou em algumas entrevistas que este trabalho é um dos seus projetos pessoais favoritos.

Em seguida, seu trabalho foi novamente reconhecido com o filme biográfico *Um Anjo em Minha Mesa* (1990), que fala sobre a vida da escritora neozelandesa Janet Frame. Porém, foi somente na sua quarta produção, que o nome Jane Campion se firmou no cinema, com o longa *O Piano* (1993). O filme conta a história de uma mulher escoceza muda e sua filha, que viajam para a Nova Zelândia depois dela ter sido obrigada a se casar com um homem que nunca conheceu.

A obra foi aclamada pela crítica e recebeu diversas indicações e premiações. O filme venceu a Palma de Ouro no Festival de Cannes, o Oscar de Melhor Roteiro Original para Campion e o prêmio de Melhor Direção no Instituto de Filme da Austrália. Além disso, a diretora se tornou a segunda mulher na história a concorrer a estatuetas

de Melhor Direção no Oscar, em 1994, em sua 66ª edição. A atriz Holly Hunter, que levou o Oscar de Melhor Atriz pelo filme, comentou posteriormente em uma entrevista:

**"Campion manifesta esse ponto de vista feminino. Seus filmes não poderiam ter sido dirigidos por um homem. Quando você os vê, é apenas uma coisa celular que aparece em suas histórias."**

Depois do sucesso de *O Piano*, Jane Campion produziu quatro filmes que não atraíram tanto a crítica e tiveram pouca bilheteria: *Retrato de uma Mulher* (1996), *Soft Fruit* (1999), *Fogo Sagrado* (1999) e *Em Carne Viva* (2003). Após esse período, a diretora passou seis anos com a carreira parada, voltando à cena com o filme *Brilho de uma Paixão* (2009), que conta a história real da relação entre o grande poeta romântico John Keats e sua vizinha Fanny Brawne durante o século XIX.

Em seguida, ela passou uma década sem dirigir longa-metragens, escolhendo criar, escrever e dirigir a minissérie *Top of the Lake* (2013). A produção rendeu a Campion uma indicação a Melhor Diretora em Minissérie

no Emmy, além de conquistar outros prêmios graças à direção, roteiro e atuação na obra. Em 2015, ela confirmou uma segunda temporada, que foi lançada em 2017. A série contou com a participação da filha de Jane, Alice Englert, em um dos papéis principais. Após o hiato de doze anos longe do cinema, Campion lança o filme *Ataque dos Cães* (2021), sua adaptação do romance de 1967 de Thomas Savage, *The Power of the Dog*. O filme conta a história da relação do fazendeiro Phil Burbank com seu irmão, sua cunhada e o filho dela, e cria um clima de suspense em meio a segredos de todos os lados. Esse foi o filme mais premiado da diretora, sendo exaltado pela crítica e conquistando indicações aos principais prêmios internacionais em diversas categorias.

Nos Globos de Ouro, a produção recebeu indicações em três categorias: Melhor Direção, Melhor Roteiro e Melhor Filme. Já nos Oscars, contou com 12 indicações, sendo vencedora do prêmio de Melhor Direção e consagrando Jane Campion como a terceira mulher a ganhar na categoria. Ela se tornou a primeira mulher a ser indicada na categoria por mais de uma vez e a primeira a ganhar sem que o filme também levasse a estatuetas de Melhor Filme.

25

## QUEM É CHLOÉ ZHAO?

Chloé Zhao nasceu em Pequim, na China, em 1982, com o nome de batismo Zhao Ting. Seu pai era gerente de uma grande empresa siderúrgica e sua mãe trabalhava em um hospital, além de integrar uma trupe de artistas do Exército de Libertação Popular. Aos 15 anos, seus pais a matricularam num colégio no Reino Unido, antes mesmo dela se tornar fluente em inglês. Pouco depois, Zhao se mudou sozinha para Los Angeles, para finalizar o ensino médio. Ela se formou em Ciências Políticas, pela Massachusetts Mount Holyoke College, onde concluiu o curso sem ainda saber o que faria a seguir.

Na busca por encontrar sua vocação, a diretora chegou a trabalhar como promotor, bartender e corretora imobiliária, até que achou o que realmente gostava de fazer: contar histórias. Com isso em mente, Zhao se matriculou na pós-graduação em cinema da Escola de Artes Tisch, da Universidade de Nova York (NYU), e iniciou seus estudos em produção cinematográfica. Na NYU, Zhao pode ter aulas com o aclamado diretor Spike Lee e lançou seus primeiros curta-metragens, que foram bem recebidos em diversos festivais estudantis. O mais notório foi o *Daughters* (2010), que ganhou prêmios no Festival

46

Internacional de Curtas, em Palm Springs, e no Festival de Cinequest, em San Jose. Durante sua produção, Chloé também conheceu o diretor de fotografia Joshua James Richards, que viria a ser seu parceiro de vida e carreira.

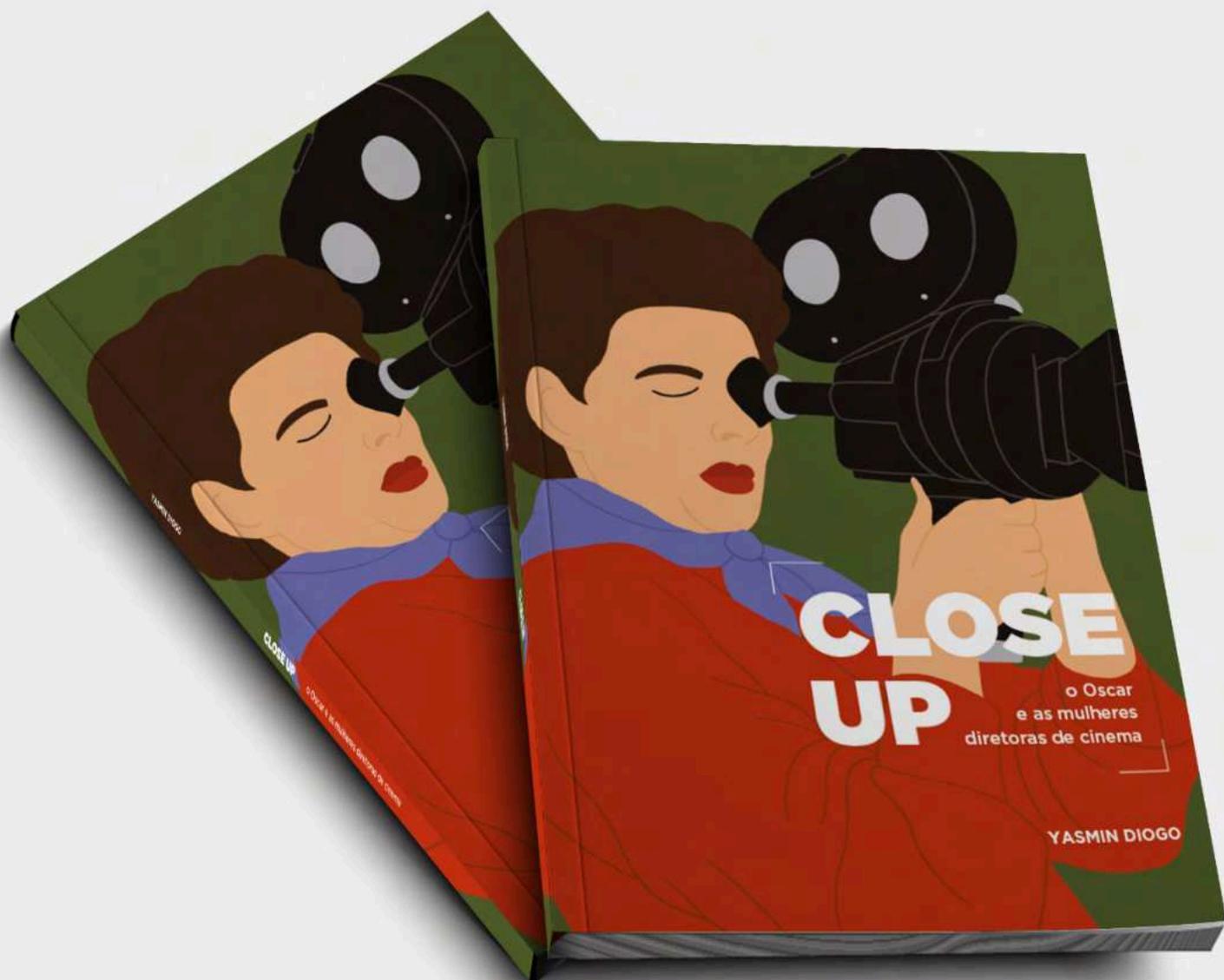
Em 2015, ela lançou o seu primeiro longa-metragem, *Songs My Brother Taught Me*. É nele que vemos a principal característica de cineasta: filmes com um roteiro inspirado nos pesados reais que estão ao seu redor. Após o sucesso de seu segundo filme, *Domínio do Destino* (2017), Zhao teve contato com a atriz Frances McDormand. Esse foi o começo da parceria que lhe rendeu sua principal obra até o momento, o longa *Nomadland* (2020). Segundo McDormand, Chloé procura conhecer a pessoa antes de escrever um papel para ela, para se aproveitar dos sentimentos e conexões reais em seus filmes.

Atualmente, Chloé mora com o namorado, dois cachorros e três galinhas em Ojai, uma cidade pequena ao nordeste de Los Angeles. O casal trabalhou junto em todos os três filmes que Zhao produziu após se conhecerem, incluindo *Nomadland*, pelo qual Richards também foi indicado ao Oscar de Melhor Fotografia.

**EU SEMPRE ACHEI BONDADÉ NAS PESSOAS QUE ENCONTREI, ENTÃO PARA QUALQUER UM QUE TIVER FÉ NISSO, SE AGARRE À BONDADÉ DENTRO DE SI MESMOS, NÃO IMPORTA QUÃO DIFÍCIL SEJA ISSO PARA VOCÊS.**

Chloé Zhao

47



# CLOSE UP

o Oscar  
e as mulheres  
diretoras de cinema

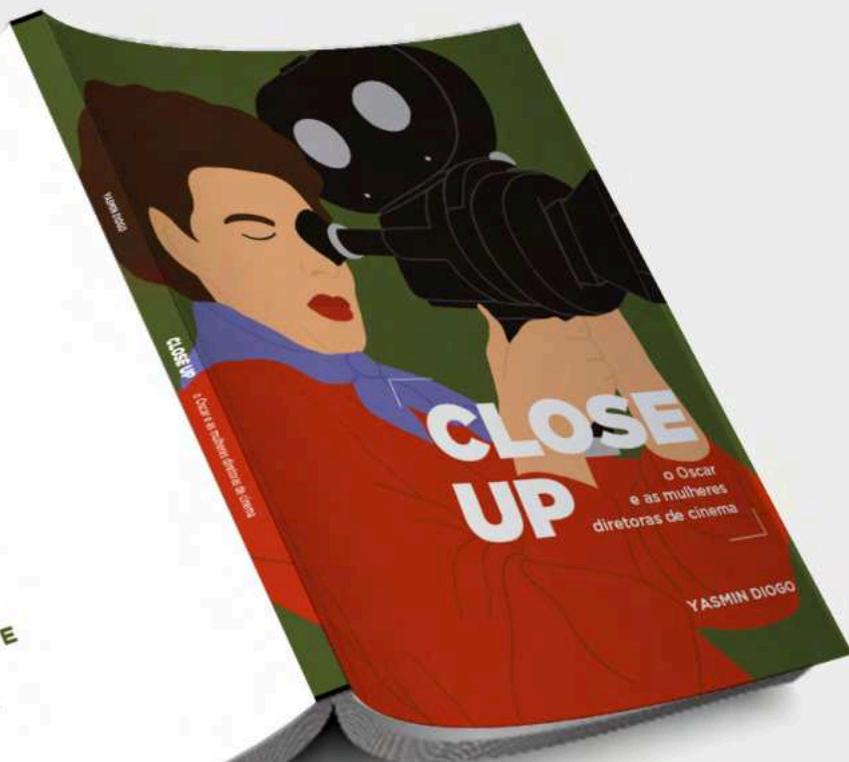
YASMIN DIOGO

**"NÃO HÁ NADA RELATIVO  
À REALIZAÇÃO DE UM  
FILME QUE UMA MULHER  
NÃO POSSA FAZER TÃO  
FACILMENTE QUANTO UM  
HOMEM, E NÃO HÁ RAZÃO  
PARA QUE ELA NÃO POSSA  
DOMINAR COMPLETAMENTE  
TODOS OS DETALHES  
TÉCNICOS DESSA ARTE."**

*Alice Guy-Blaché*

**"NÃO HÁ NADA RELATIVO  
À REALIZAÇÃO DE UM  
FILME QUE UMA MULHER  
NÃO POSSA FAZER TÃO  
FACILMENTE QUANTO UM  
HOMEM, E NÃO HÁ RAZÃO  
PARA QUE ELA NÃO POSSA  
DOMINAR COMPLETAMENTE  
TODOS OS DETALHES  
TÉCNICOS DESSA ARTE."**

Alice Guy-Blaché



A Close Up foi idealizada na disciplina Projeto Grid e Tipografia, do curso de Comunicação Visual Design da UFRJ, e posteriormente se tornou o trabalho de conclusão de curso da mesma graduação.

Ela é uma publicação voltada para os amantes da 7ª arte, com o intuito de apresentar e destacar as mulheres diretoras de cinema que fizeram e ainda fazem história nas grandes premiações internacionais, especialmente no Oscar.

Yasmin Diogo

**CLOSE UP - o Oscar e as mulheres diretoras de cinema**  
Outubro / 2023

**EDIÇÃO**  
Yasmin Diogo

**DESIGN**  
Yasmin Diogo

**ILUSTRAÇÕES**  
Tatiana Diniz

**REVISÃO**  
Lilian Soares  
Hanna Vello  
Rafael Forte

# CLOSE UP

o Oscar  
e as mulheres  
dotoras de cinema

YASMIN DIOGO

CLOSE UP - O Oscar e as mulheres diretoras de cinema |

## A CLOSE UP

Você sabe o que significa o termo "Close Up"? Criado pelo cineasta Alvin Guy-Bloch, ele representa o plano final de um filme em que o rosto do ator, da atriz ou do animal é o único elemento em foco. O termo também se refere ao plano final de um filme, que geralmente é o plano final de um filme.

Oscar é o prêmio mais prestigiado do cinema mundial, e a Close Up é uma publicação que celebra as mulheres diretoras de cinema que fizeram e ainda fazem história nas grandes premiações internacionais, especialmente no Oscar. A publicação é voltada para os amantes da 7ª arte, com o intuito de apresentar e destacar as mulheres diretoras de cinema que fizeram e ainda fazem história nas grandes premiações internacionais, especialmente no Oscar.

Após isso, começa a aparecer sobre as trajetórias de cinema e suas lutas no tocante ao Oscar como prêmio. Para a maioria, o prêmio é um reconhecimento de uma carreira, mas para algumas mulheres, ele é um reconhecimento de uma vida inteira dedicada ao cinema.

A pergunta que fica é: por que não usar o termo "Close Up" para celebrar as mulheres diretoras de cinema? A resposta é simples: porque não há espaço suficiente para todas elas. O termo "Close Up" é um reconhecimento de uma vida inteira dedicada ao cinema, e não apenas de um momento de glória. É por isso que a Close Up é uma publicação que celebra as mulheres diretoras de cinema que fizeram e ainda fazem história nas grandes premiações internacionais, especialmente no Oscar.

# A CATEGORIA DE MELHOR DIREÇÃO

Entre o Oscar e o Oscar, sempre houve um vencedor. Mas em 1929, pela primeira vez, a categoria de Melhor Direção não recebeu vencedor.

No mesmo ano em que o Oscar de Melhor Direção não recebeu vencedor, o Oscar de Melhor Ator também não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

Em 1929, o Oscar de Melhor Direção não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

Entre o Oscar e o Oscar, sempre houve um vencedor. Mas em 1929, pela primeira vez, a categoria de Melhor Direção não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

Entre o Oscar e o Oscar, sempre houve um vencedor. Mas em 1929, pela primeira vez, a categoria de Melhor Direção não recebeu vencedor.

No mesmo ano em que o Oscar de Melhor Direção não recebeu vencedor, o Oscar de Melhor Ator também não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

Em 1929, o Oscar de Melhor Direção não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

O vencedor do Oscar de Melhor Direção em 1929 foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

Entre o Oscar e o Oscar, sempre houve um vencedor. Mas em 1929, pela primeira vez, a categoria de Melhor Direção não recebeu vencedor.

No mesmo ano em que o Oscar de Melhor Direção não recebeu vencedor, o Oscar de Melhor Ator também não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

Entre o Oscar e o Oscar, sempre houve um vencedor. Mas em 1929, pela primeira vez, a categoria de Melhor Direção não recebeu vencedor.

No mesmo ano em que o Oscar de Melhor Direção não recebeu vencedor, o Oscar de Melhor Ator também não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

Em 1929, o Oscar de Melhor Direção não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

O vencedor do Oscar de Melhor Direção em 1929 foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

Entre o Oscar e o Oscar, sempre houve um vencedor. Mas em 1929, pela primeira vez, a categoria de Melhor Direção não recebeu vencedor.

No mesmo ano em que o Oscar de Melhor Direção não recebeu vencedor, o Oscar de Melhor Ator também não recebeu vencedor. O vencedor foi o ator francês Jean Gabin, em seu papel de Jean Valjean em "Les Misérables".

# O OSCAR É DELAS



# JANE CAMPION

Jane Campion é uma das maiores diretoras de todos os tempos e possui grande relevância para o cenário feminino no cinema. Pioneira, a diretora foi a primeira mulher a receber a Palma de Ouro do Festival de Cinema de Cannes e é, até o momento, a única a concorrer mais de uma vez ao Oscar de Melhor Direção e a vencer a premiação tanto em Melhor Direção quanto em Melhor Roteiro. A neozelandesa já dirigiu nove longas-metragens, dois deles sendo a razão de tamanhas conquistas: O Plano (1993) e Ataque dos Cães (2021).



# QUEM É JANE CAMPION?

Nascida em 1934 em Motueka, na Nova Zelândia, a cineasta Jane Campion é a segunda filha de uma família católica e de pais que eram atores. Desde pequena, ela se interessou pelo cinema e começou a dirigir curtas-metragens aos 16 anos. Seu primeiro longa-metragem, O Plano, foi lançado em 1993 e lhe rendeu o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes. Outros filmes importantes incluem O Piano, O Poderoso Chefão e O Homem do Ano.

# SOU UMA PESSOA QUE ADORA BRINCAR, FAÇO FILMES PARA PODER ME DIVERTIR COM OS PERSONAGENS.

Jane Campion

# CARREIRA E PROJETOS

De suas primeiras experiências em direção no início de carreira, nos anos 1980, incluem bastante energia crítica, o mistério da potência suástica e um filme de direção, A Última Sessão de Cinema. Um exercício de direção, Causa (1982), um filme psicológico que aborda um homem, sua irmã e sua filha, introduzindo de forma de uma estranha. O plano seguinte, A Última Sessão de Cinema, foi lançado em 1993. Em A Última Sessão de Cinema, a diretora apresenta a história de uma mulher que se envolve com um homem que é um assassino serial. Outros filmes importantes incluem O Poderoso Chefão, O Homem do Ano e O Plano.

de Melhor Direção no Oscar, em 1993, em seu primeiro filme, O Plano. Outros filmes importantes incluem O Poderoso Chefão, O Homem do Ano e O Plano. Seu primeiro longa-metragem, O Plano, foi lançado em 1993 e lhe rendeu o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes. Outros filmes importantes incluem O Piano, O Poderoso Chefão e O Homem do Ano. Seu primeiro longa-metragem, O Plano, foi lançado em 1993 e lhe rendeu o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes. Outros filmes importantes incluem O Piano, O Poderoso Chefão e O Homem do Ano.

# SOFIA COPPOLA

Nascida no meio artístico, Sofia Coppola passou por um início de carreira frustrante e anos de comparações ao pai, o cineasta Francis Ford Coppola. Após receber diversas críticas por sua atuação na franquia O Poderoso Chefão, Sofia começa sua carreira como diretora e roteirista no final dos anos 90, quando começa a trilhar um caminho fora das sombras do pai. Hoje, a diretora, roteirista e produtora norte-americana faz parte de um seleto grupo de sete mulheres que já foram indicadas ao Oscar de Melhor Direção. Sua indicação veio graças a obra Encontro e Desencontros (2003), que também foi indicado a Melhor Filme e venceu como Melhor Roteiro Original.



# QUEM É SOFIA COPPOLA?

Sofia Coppola nasceu em 1971, em Nova York, e é filha mais velha de Francis Ford Coppola e de sua esposa, Eleanor. Ela tem dois irmãos: Christopher Coppola, da banda de rock rock alternativo The Libertines, e o ator Christopher Coppola. Ela tem uma irmã mais nova, a atriz Dakota Fanning. Sofia também tem um irmão mais novo, o ator Tommaso Coppola. Ela também tem um irmão mais novo, o ator Tommaso Coppola. Ela também tem um irmão mais novo, o ator Tommaso Coppola.

Seu pai, Francis Ford Coppola, é um dos maiores cineastas de todos os tempos. Ele dirigiu filmes como O Poderoso Chefão, O Padrinho e O Poderoso Chefão 2. Ele também foi produtor de filmes como O Poderoso Chefão e O Poderoso Chefão 2. Ele também foi produtor de filmes como O Poderoso Chefão e O Poderoso Chefão 2.

# TENTO FAZER APENAS O QUE QUERO FAZER OU O QUE GOSTARIA DE VER. TENTO NÃO PENSAR MUITO NO PÚBLICO.

Sofia Coppola

# CARREIRA E PROJETOS

Além de ser filha, Sofia Coppola teve sua primeira experiência como atriz em O Poderoso Chefão (1972), como a pequena Patricia Kopp. Ela também atuou em O Poderoso Chefão 2 (1974) e O Poderoso Chefão 3 (1983). Ela também atuou em O Poderoso Chefão 4 (1990) e O Poderoso Chefão 5 (1995). Ela também atuou em O Poderoso Chefão 6 (2001) e O Poderoso Chefão 7 (2008).

Além disso, Sofia Coppola também atuou em O Poderoso Chefão 4 (1990) e O Poderoso Chefão 5 (1995). Ela também atuou em O Poderoso Chefão 6 (2001) e O Poderoso Chefão 7 (2008). Ela também atuou em O Poderoso Chefão 8 (2011) e O Poderoso Chefão 9 (2015).

Em seguida, Sofia escreveu e dirigiu seu filme de estreia, Encontro e Desencontros (2003), O filme conta a história de um casal que se encontra novamente após uma série de circunstâncias inesperadas. O filme foi indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original e Melhor Filme. O filme também foi indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original e Melhor Filme.

Em seguida, Sofia escreveu e dirigiu seu filme de estreia, Encontro e Desencontros (2003), O filme conta a história de um casal que se encontra novamente após uma série de circunstâncias inesperadas. O filme foi indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original e Melhor Filme. O filme também foi indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original e Melhor Filme.

# KATHRYN BIGELOW

Em 2010, na 82ª edição de premiação do Oscar, a cineasta Kathryn Bigelow deixou seu marca na história como a primeira mulher a ganhar um Oscar de Melhor Direção. A americana foi premiada pelo filme Guerra ao Terror (2008), que também se tornou o primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher a ganhar a estatueta de Melhor Filme. Com mais de 40 anos de carreira, a diretora e produtora conta com um currículo de 11 filmes, além de ter dirigido alguns episódios para séries de tv. Ainda em 2010, Bigelow foi listada como uma das cem pessoas mais influentes do mundo pela revista Time.



## QUEM É KATHRYN BIGELOW?

Kathryn Ann Bigelow nasceu em 15 de novembro de 1951 em San Carlos no estado de Califórnia. Foi a filha mais velha de uma família de artistas e de gente da fábrica de filmes. Seu pai, Robert Bigelow, trabalhou no setor de vendas de filmes e sua mãe, Barbara, trabalhou no setor de produção. Ela cresceu em uma família de artistas e de gente da fábrica de filmes. Seu pai, Robert Bigelow, trabalhou no setor de vendas de filmes e sua mãe, Barbara, trabalhou no setor de produção. Ela cresceu em uma família de artistas e de gente da fábrica de filmes.

Em 1970, ela se matriculou na faculdade de Artes da Universidade de Califórnia em Santa Bárbara. Foi lá que ela conheceu o diretor de filmes John Badham, com quem ela trabalhou em vários filmes. Ela também trabalhou com o diretor de filmes John Wood em vários filmes. Ela também trabalhou com o diretor de filmes John Wood em vários filmes.

de produção em filmes de identidade de gênero, como o filme 'The Danish Girl'. Ela também trabalhou em filmes de guerra, como 'The Hurt Locker' e 'Tropic of Cancer'. Ela também trabalhou em filmes de guerra, como 'The Hurt Locker' e 'Tropic of Cancer'. Ela também trabalhou em filmes de guerra, como 'The Hurt Locker' e 'Tropic of Cancer'.

## O PAPEL DE UM ARTISTA, SUA FUNÇÃO SOCIAL, É FAZER CAMPANHA POR MUDANÇAS. A MISTURA DE ARTE COM POLÍTICA É INCRIVELMENTE PODEROSA.

Kathryn Bigelow

## CARREIRA E PROJETOS

Em 1978, ela começou a trabalhar como assistente de direção em filmes de John Wood. Ela também trabalhou como assistente de direção em filmes de John Wood. Ela também trabalhou como assistente de direção em filmes de John Wood. Ela também trabalhou como assistente de direção em filmes de John Wood.

Em 1980, ela começou a trabalhar como produtora em filmes de John Wood. Ela também trabalhou como produtora em filmes de John Wood. Ela também trabalhou como produtora em filmes de John Wood. Ela também trabalhou como produtora em filmes de John Wood.

Em 1990, ela começou a trabalhar como diretora de filmes de guerra. Ela também trabalhou como diretora de filmes de guerra. Ela também trabalhou como diretora de filmes de guerra. Ela também trabalhou como diretora de filmes de guerra.

Em 2000, ela começou a trabalhar como diretora de filmes de guerra. Ela também trabalhou como diretora de filmes de guerra. Ela também trabalhou como diretora de filmes de guerra. Ela também trabalhou como diretora de filmes de guerra.

# GRETA GERWIG

Atriz, diretora e roteirista, Greta Gerwig é uma das mulheres mais reconhecidas em Hollywood atualmente. Apesar de ter começado a carreira em filmes independentes, ela rapidamente se tornou um nome importante no cinema, sendo a quinta mulher na história a ser indicada ao Oscar de Melhor Diretora, em 2019. Gerwig trabalhou com grandes cineastas como Woody Allen e Noah Baumbach antes de dirigir os próprios filmes, *Lady Bird* (2017), *Adoráveis Mulheres* (2019) e *Barbie* (2023).



# QUEM É GRETA GERWIG?

Nascida em 1983 em Sacramento, nos Estados Unidos, a cineasta Greta Gerwig nasceu em uma família de artistas e programadores. Desde pequena, ela se interessou por cinema, lendo livros e assistindo a filmes. Sua paixão pelo cinema levou-a a estudar cinema na Universidade de Columbia, em Nova York, onde ela se tornou amiga de Noah Baumbach, com quem ela trabalhou em vários filmes independentes.

Para trabalhar em Hollywood, Gerwig se mudou para Los Angeles em 2006. Ela começou a trabalhar em filmes de baixo orçamento, como *Mean Girls* e *Booksmart*. Seu primeiro filme como diretora foi *Lady Bird*, em 2017, que foi um sucesso de crítica e comercial. Ela continuou a trabalhar em filmes de sucesso, como *Adoráveis Mulheres* e *Barbie*.

Seu filme mais recente foi *Barbie*, em 2023, que se tornou um fenômeno cultural e comercial. Ela também trabalhou em filmes de televisão, como *Booksmart* e *Mean Girls*. Gerwig é conhecida por sua abordagem inovadora e sua capacidade de criar personagens e histórias que ressoam com o público.

Gerwig também trabalhou em filmes de televisão, como *Booksmart* e *Mean Girls*. Ela é conhecida por sua abordagem inovadora e sua capacidade de criar personagens e histórias que ressoam com o público.

# NÃO ESTAMOS DIZENDO QUE TODO MUNDO PRECISA SER CELIBATÁRIO, MAS VOCÊ NÃO PRECISA DE UM ROMANCE PARA COMPLETAR UMA HISTÓRIA SOBRE UMA MULHER.

Greta Gerwig

# CARREIRA E PROJETOS

Durante sua produção em 2006, Gerwig começou um romance com o ator Jake Gyllenhaal. Ela trabalhou em vários filmes independentes, como *Booksmart* e *Mean Girls*. Seu primeiro filme como diretora foi *Lady Bird*, em 2017, que foi um sucesso de crítica e comercial.

Em 2019, Gerwig dirigiu o filme *Adoráveis Mulheres*, que foi um sucesso de crítica e comercial. Ela também trabalhou em filmes de televisão, como *Booksmart* e *Mean Girls*. Gerwig é conhecida por sua abordagem inovadora e sua capacidade de criar personagens e histórias que ressoam com o público.

**“Principamente não ter esse interesse, Gerwig falou sobre a atriz definitiva de sua geração, personificando quem é sua própria quando fazemos sobre ela.”**

Após o sucesso de *Lady Bird*, Gerwig começou a trabalhar em filmes de maior orçamento, como *Adoráveis Mulheres* e *Barbie*. Ela também trabalhou em filmes de televisão, como *Booksmart* e *Mean Girls*. Gerwig é conhecida por sua abordagem inovadora e sua capacidade de criar personagens e histórias que ressoam com o público.

Diariamente, a atriz decidiu não ser mãe de imediato porque o filho de Greta Gerwig e Jake Gyllenhaal, o filho de Greta Gerwig e Jake Gyllenhaal, nasceu em 2017. Ela também trabalhou em filmes de televisão, como *Booksmart* e *Mean Girls*. Gerwig é conhecida por sua abordagem inovadora e sua capacidade de criar personagens e histórias que ressoam com o público.

Após de *Lady Bird*, Gerwig foi indicada para trabalhar em filmes de maior orçamento, como *Adoráveis Mulheres* e *Barbie*. Ela também trabalhou em filmes de televisão, como *Booksmart* e *Mean Girls*. Gerwig é conhecida por sua abordagem inovadora e sua capacidade de criar personagens e histórias que ressoam com o público.

# CHLOÉ ZHAO

Já conhecido no cinema independente, o nome Chloé Zhao foi apresentado ao grande público após fazer história no Oscar de 2021 e entrar para o time da Marvel Studios. Multitalentosa, Zhao é diretora, produtora, roteirista e editora de cinema, além de contar com diversos filmes exibidos e premiados em festivais internacionais. Sua ascensão meteórica começou depois de dirigir somente três longa-metragens, quando Nomadland a tornou a primeira mulher não-branca a ganhar o estatuto do Oscar de melhor direção. A obra também a consagrou como a primeira mulher indicada a quatro Oscars em um só ano (direção, filme, roteiro adaptado e edição).



## QUEM É CHLOÉ ZHAO?

Como Zhao nasceu em Pequim, na China, em 1982, com o nome de Jialing Zhao. Ela se mudou para os Estados Unidos quando tinha 12 anos e se mudou para Los Angeles em 2001, para estudar arte. Ela se mudou para Los Angeles em 2001, para estudar arte. Ela se mudou para Los Angeles em 2001, para estudar arte.

Em 2005, ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation".

Atualmente, Chloé Zhao trabalha em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation".

**EU SEMPRE ACHEI BONDADÉ NAS PESSOAS QUE ENCONTREI, ENTÃO PARA QUALQUER UM QUE TIVER FÉ NISSO, SE AGARRE À BONDADÉ DENTRO DE SI MESMOS, NÃO IMPORTA QUÃO DIFÍCIL SEJA ISSO PARA VOCÊS.**

Chloé Zhao

## CARREIRA E PROJETOS

Zhao começou em 2008, quando criou o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation".

Em 2015, ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation".

Atualmente, Chloé Zhao trabalha em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation".

Zhao começou em 2008, quando criou o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation".

"Tudo o que você está quer é a direção de si mesmo para se apaixonar durante a vida."

Atualmente, Chloé Zhao trabalha em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation". Ela trabalhou em seu primeiro filme, o curta-metragem "The Birth of a Nation".

# EMERALD FENNEL

Mais conhecida por sua carreira como atriz, Emerald Fennell surpreendeu a todos com sua estreia como diretora, com o longa *Bela Vingança* (2020). A obra foi aclamada pelo público e pela crítica, rendendo a ela uma indicação ao Oscar de Melhor Direção e a conquista da estatueta de Melhor Roteiro Original. Fennell foi a primeira mulher produtora a conseguir uma indicação na categoria de direção e, mesmo assim, apenas um filme ao cinema. Já desponta como uma das principais referências da sétima geração.



## QUEM É EMERALD FENNEL?

Filha do designer de moda Marc Fennell e da atriz britânica Louise Fennell, Emerald nasceu em Londres, no oeste de Inglaterra, em 19 de maio de 1985. Ela tem uma avó inglesa, uma mãe inglesa e um pai americano. Ela se mudou de idade para a Inglaterra e viveu lá por alguns anos antes de se mudar para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

mas no teatro não desistiu. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

**AS MULHERES SÃO COMPLICADAS E MULTIFACETADAS, E POR ISSO DEVEM ESTAR NOS FILMES. ELAS NÃO DEVEM ESTAR LÁ APENAS PARA SERVIR OS HOMENS DA HISTÓRIA.**

Emerald Fennell

## CARREIRA E PROJETOS

Emerald Fennell começou a carreira como atriz em 2005, interpretando a personagem *Chloe* na série *Grey's Anatomy*. Ela também apareceu em *The Mindy Project* e *Black-ish*. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.

Em 2004, Emerald se mudou para Los Angeles, Califórnia, para estudar no Hollywood College. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos. Ela se mudou para Los Angeles em 2004, aos 19 anos.





## CONCLUSÃO

Conceber este projeto final foi um grande desafio. Embora tenha me identificado mais com a área gráfica e editorial desde o início da graduação, tive poucas e rasas oportunidades de trabalhar em algo que fugia ao digital. Com isso, a experiência de projetar um livro por inteiro se tornou inédita para mim, mas muito gratificante por se tratar de uma realização pessoal. Por ser um assunto que eu não tinha tanto conhecimento prático, ele me permitiu aprimorar minhas habilidades tanto em diagramação quanto em ilustração..

Foi também muito satisfatório realizar uma pesquisa sobre a situação das mulheres nos cargos de bastidores em Hollywood, mesmo que os resultados mostrados não fossem os ideais. Como uma adoradora do cinema, falar sobre esse assunto me é de muito prazer, assim como descobrir que existe a possibilidade de mudar essa situação feminina e que esse projeto segue por esse caminho.

Já o aprofundamento nas questões acerca do livro com ilustração, bem como o desenvolvimento de sua forma, foi pensado durante todo processo para conseguir despertar o interesse do público nesse tipo de material. Mesmo o feminismo sendo um assunto que faz parte dos dias atuais, sei que materiais informativos tendem a não fixar tanto a atenção do leitor. Com isso, criei um livro com o objetivo de ser atrativo o suficiente para fazê-lo continuar a leitura, além de possuir um formato que a torne agradável em mãos.

Sem dúvida, o projetar deste TCC me fez reunir e aplicar muitos dos conhecimentos que aprendi durante a graduação. Afinal, umas das características mais interessantes do design é a sua interdisciplinaridade, que foi inclusive um dos meus critérios para a escolha desse curso. Com isso, considero os objetivos deste trabalho como alcançados e almejo que projetos como este sejam cada vez mais frequentes no futuro, para que possamos assim contar uma nova história do cinema.



## REFERÊNCIAS

ACADEMY, The Oscars. **Experience Over Eight Decades of the Oscars from 1927 to 2023.** OSCARS, 2023. Disponível em: <https://www.oscars.org/oscars/ceremonies>

Adobe Creative Cloud. **Design a Glam Rock Zine with Shanti Sparrow and Paul Trani - 1 of 2 | Adobe Creative Cloud.** YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oPSkFMApvDk&t=807s>

ALTANIEL, Leandro Machnicki. **A composição e a montagem em Saul Bass e Poty Lazzarotto.** 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

AMENDOLA, Beatriz. **#MeToo, um ano depois.** UOL, 2018. Disponível em: <https://www.uol/entretenimento/especiais/metoo-um-ano-depois.htm#metoo-um-ano-depois>

BASS, J. KIRKHAM, P. **A life in film and design.** Laurence King Publishing: New York, 2011.

BASTOS, Nicolay. **Taylor Swift e The Weeknd são oficialmente novos membros da Academia do Oscar.** CNN Brasil, 2023. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/taylor-swift-e-the-weeknd-sao-oficialmente-novos-membros-da-academia-do-oscar/#:~:text=Nesta%20quinta%2Dfeira%20\(27\),artistas%2C%20executivos%20e%20outras%20celebridades.](https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/taylor-swift-e-the-weeknd-sao-oficialmente-novos-membros-da-academia-do-oscar/#:~:text=Nesta%20quinta%2Dfeira%20(27),artistas%2C%20executivos%20e%20outras%20celebridades.)

BENTO, Milena Bittencourt Marcelino; ZANVETTOR, Kátia. As Mulheres nas Partes Técnicas do Cinema: uma análise dos últimos sete anos do Oscar. **Iniciacom**, v. 9, n. 3, 2020.

BICALHO, Charles. Saul Bass: uma anatomia do design de filmes. **Revista de Audiovisual Sala 206**, n. 07, 2017.

BOTTON, Flávio. **O poder ctônico e a cultura patriarcal: a mulher e suas representações artísticas**. Livro "Cinema, Literatura e História", capítulo 5, p. 74-93. In Foco, UniABC, vol. 2, 2007.

BORUCHOVITCH, Mônica Monteiro da Costa. A programação infantil na televisão brasileira sob a perspectiva da criança. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Psicologia, 2003.

BROWN, C. **Cyberspace**. Print isn't dead, Londres, Element #002, p. 32-33, 2015. Disponível em: <[https://issuu.com/peopleofprint/docs/print\\_isnt\\_dead\\_element\\_002\\_issuu\\_f](https://issuu.com/peopleofprint/docs/print_isnt_dead_element_002_issuu_f)> Acesso em 01 de maio de 2023.

CAÚ, Maria Castanho Santos. Quem Decide As Histórias Que Vão Ser Contadas? Algumas palavras sobre o volume "Mulheres atrás das câmeras" e o apagamento do cinema brasileiro feito por mulheres. Revista Eco-Pós, v. 23, n. 3, p. 475-482, 2020.

COUSINS, Mark. **História do cinema: dos clássicos mudos ao cinema moderno**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013

CRUZ, Paula. MONIBA: o design narrativo em publicação híbrida. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual – Design), Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.**

CULLINANE, Susannah. **Natalie Portman calls out 'all male nominees' for best director**. CNN, 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/01/08/entertainment/natalie-portman-all-male-director/index.html>

DÖING, Laura. **A presença feminina no Oscar 2018**. DW Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-presen%C3%A7a-feminina-no-oscar-2018/a-42821794>

**E A MULHER criou Hollywood**. Direção: Clara Kuperberg e Julia Kuperberg. França, 2016.

FIDALGO, Sabrina. **Onde estão as mulheres no Oscar 2023?**. Vogue, 2023. Disponível em: <https://vogue.globo.com/cultura/noticia/2023/03/onde-estao-as-mulheres-no-oscar.gh tml>

FLORO, Paulo. **Oscar não indicou nenhuma mulher como melhor direção mais uma vez #OscarsSoMale**. O Grito, 2023. Disponível em: <https://revistaogrito.com/oscar-nao-indicou-nenhuma-mulher-como-melhor-direcao-m ais-uma-vez-oscarssomale/>

GARCIA, Lucas Jorge; CARAM, Nirave Reigota. E O OSCAR VAI PARA: A CATEGORIA DE MELHOR FILME. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 20, n. 42, 2021.

GOMES, Renata; PASQUA, Gustavo. **Relembre os protestos do Time's Up e Me Too nas premiações de Hollywood**. Poder 360, 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/relembre-os-protestos-do-times-up-e-me-too-nas -premiacoes-de-hollywood/>

GONÇALVES, Clarissa Proença. Folias: histórias de carnaval pelo mundo. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual-Design), Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.**

HALL, Andrew. Fundamentos essenciais da ilustração. Tradução: Marcos Capano. São Paulo: Rosari, 2011.

HAURELHUK, Felipe Sembalista. E O OSCAR FOI PARA... Entendendo o Maior Prêmio Cinematográfico Mundial e Sua Relação com a Cinematografia Brasileira. **Rascunho**, v. 1, n. 1, 2008.

HENKER, Eduarda. **RESENHA: EXTRAORDINÁRIAS - MULHERES QUE REVOLUCIONARAM O BRASIL**. Queria estar lendo, 2018. Disponível em: <https://www.queriaestarlendo.com.br/2018/03/resenha-extraordinarias-mulheres-que. html>

INSTITUTE, Geena Davis. **Female characters in film and TV motivate women to be more ambitious, more successful, and have even given them the courage to break out of abusive relationships**. J. Walter Thompson Company. 2017.

Disponível em:  
<https://seejane.org/wp-content/uploads/female-characters-in-film-and-tv-motivate-women-to-be-more-ambitious-more-successful-and-have-even-given-them-the-courage-to-break-out-of-abusive-relationships.pdf>

INSTITUTE, Geena Davis. **Gender Bias Without Borders**. 2015. Disponível em:  
<https://seejane.org/wp-content/uploads/gender-bias-without-borders-full-report.pdf>

KOCH, Tommaso. **Oprah Winfrey se levanta contra a violência sexual e o racismo: “Chegou a hora”**. El País, 2018. Disponível em:  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/08/cultura/1515383734\\_920286.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/08/cultura/1515383734_920286.html)

LANGONE, Alix. **#MeToo and Time's Up Founders Explain the Difference Between the 2 Movements — And How They're Alike**. Time, 2018. Disponível em:  
<https://time.com/5189945/whats-the-difference-between-the-metoo-and-times-up-movements/>

LAPA, Isabela. **Extraordinárias: Mulheres que Revolucionaram o Brasil!**. Universo dos leitores, 2018. Disponível em:  
<https://www.universodosleitores.com/2018/07/extraordinarias-mulheres-que.html>

LAUZEN, Martha. **The Celluloid Ceiling: Employment of Behind-the-Scenes Women on Top Grossing U.S. Films in 2022**. San Diego, CA:: Center for the Study of Women in Television and Film, 2023.

LEMONS, Lúcia de Paiva. Os quatro dragões. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design)-Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017**.

LUSVARGHI, Luiza; SILVA, Camila Vieira da. **Mulheres atrás das câmeras: As cineastas brasileiras de 1930 a 2018**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2006

MALONE, Alicia. **The female gaze: essential movies made by women**. Mango Publishing Group, United States of America, 2018.

MARASCIULO, Marília. **Por que o Oscar ainda tem tanta dificuldade em ser inclusivo?**. Galileu, 2020. Disponível em:  
<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/02/por-que-o-oscar-ainda-tem-tanta-dificuldade-em-ser-inclusivo.html>

MARTIN, Amy R.. **“The Female Gaze” Champions Women Filmmakers**. Southern Review of Books, 2022. Disponível em:  
<https://southernreviewofbooks.com/2022/06/03/the-female-gaze-alicia-malone-review/>

MCDOUGALL-JONES, Naomi. **A revolução das mulheres no cinema começa com você**. TEDxBeaconStreet. 2016. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Gj2pWl1vjCY>

MCKENZIE, J. M. **Oscars 2016: Lack of Diversity Has Historically Been a Problem**. ABC News, 2016. Disponível em:  
<https://abcnews.go.com/Entertainment/oscars-2016-lack-diversity-historically-problem/story?id=37062502>

MCKEE, Alan. **The Public Sphere: An Introduction**. Reino Unido, Cambridge University Press: 2005.

MIRANDA, André. **Até 1925, mulheres assinavam metade dos filmes americanos; hoje, são apenas 8% de blockbusters**. O Globo, 2016. Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/ate-1925-mulheres-assinavam-metade-dos-filmes-americanos-hoje-sao-apenas-8-de-blockbusters-20135258>

*Night of triumph at Oscars for Kathryn Bigelow and The Hurt Locker*. **The Standard**, 2012. Disponível em:  
<https://www.standard.co.uk/showbiz/night-of-triumph-at-oscars-for-kathryn-bigelow-and-the-hurt-locker-6775879.html>

NIKOLAJEVA, Maria ; SCOTT, Carole. Livro ilustrado: Palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Rui de. Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

O que a campanha #MeToo conseguiu mudar de fato?. **BBC Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44164417>

PAIVA, Rafaela. **Como são eleitos os vencedores do Oscar?**. CineBuzz, 2023. Disponível em: <https://cinebuzz.uol.com.br/noticias/curiosidades/como-funciona-o-processo-de-votacao-do-oscar-750.phtml>

PÉCORA, Luísa. **Conheça todas as mulheres que já foram indicadas ao Oscar de melhor direção**. Mulher no Cinema, 2018. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/oscar/conheca-todas-as-mulheres-que-ja-foram-indicadas-ao-oscar-de-direcao/>

\_\_\_\_\_. **SAG premia Frances McDormand e Claire Foy em noite de apoio às mulheres**. Mulher no Cinema, 2018. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/sag-premia-frances-mcdormand-claire-foy-e-nicole-kidman-em-noite-de-apoio-as-mulheres/>

\_\_\_\_\_. **De Bigelow a Zhao: reflexões sobre a segunda vitória de uma diretora no Oscar**. Mulher no Cinema, 2021. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/especiais/de-bigelow-a-zhao-reflexoes-sobre-a-segunda-vitoria-de-uma-diretora-no-oscar/>

PENDER, Danielle. **Print Is Dead! Long Live Print!. People of Print: Innovative, Independent Design & Illustration**, p. 18-19. United Kingdom: Thames & Hudson Ltd, 2015.

RIBEIRO, Giovanna. **Por que ainda precisamos falar da ausência de mulheres no Oscar?**. Adoro Cinema, 2023. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-1000015793/#:~:text=Mas%20seu%20desrespeito%20com%20as,Inclusive%20tendo%20suas%20hist%C3%B3rias%20apagadas.>

SILVA, Livia Prata da. Maria Felipa - uma heroína baiana: a história ilustrada da heroína da independência do Brasil na Bahia. **Trabalho de Conclusão de Curso**

(Graduação em Comunicação Visual-Design)-Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SMITH, Stacy. The Data Behind Hollywood Sexism. 2016. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/stacy\\_smith\\_the\\_data\\_behind\\_hollywood\\_s\\_sexism](https://www.ted.com/talks/stacy_smith_the_data_behind_hollywood_s_sexism)

SPARROW, Shanti. **MIMIM Zine // Glam Rock**. Shanti Sparrow, 2019. Disponível em: <https://www.shantisparrow.com/glam-rock>

TAÚ, Marcio Rodriguez; OLIVEIRA, Mirtes Marins; NESTERIUK, Sérgio. **DESIGN GRÁFICO NO CINEMA: SAUL BASS**. Educação Gráfica, v. 19, n. 3, p. 336-352, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Sergio-Nesteriuk/publication/327977548\\_Design\\_Grafico\\_no\\_Cinema\\_Saul\\_Bass/links/5bb14593299bf13e6059643b/Design-Grafico-no-Cinema-Saul-Bass.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Sergio-Nesteriuk/publication/327977548_Design_Grafico_no_Cinema_Saul_Bass/links/5bb14593299bf13e6059643b/Design-Grafico-no-Cinema-Saul-Bass.pdf)

The Center for the Study of Women in Television and Film. **Center for the Study of Women in Television and Film**, 2018. Disponível em: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/>

History and inception. **Me Too**, 2023. Disponível em: <https://metoomvmt.org/get-to-know-us/history-inception/>

THOMAS, Jerry R. e NELSON, Jack K. Research methods in physical activity. Champaign: Human Kinetics. 1996.

VOS, Lola. **What Greta Gerwig's Little Women (2019) tells us about injustice in Hollywood**. DiggIt Magazine, 2022. Disponível em: <https://www.digitmagazine.com/papers/what-greta-gerwigs-little-women-2019-tells-us-about-injustice-hollywood>

WEITZMAN, Elizabeth. **Renegade Women in Film & TV**. Nova York, Clarkson Potter/Publishers: 2019.

ZASSO, Bianca. **Papo delas: a pioneira Alice Guy Blaché**. Papo de Cinema, 2018. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/colunas/papo-delas-pioneira-alice-guy-blache/>

ZEEGEN, Lawrence. **A life in Print. People of Print: Innovative, Independent Design & Illustration**, p. 26-27. United Kingdom: Thames & Hudson Ltd, 2015.

ZUGLIANI, Jorge Otávio; MOURA, Mônica Cristina de. O objeto editorial contemporâneo: transdisciplinaridade, cultura e consumo nas publicações independentes. In: **Anais do 9º CIDI| Congresso Internacional de Design da Informação, edição**. 2019. p. 137-149.